

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**GRAU DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS EM SALAS DE
AULAS NA ESCOLA Nº 4016 CACUACO - 1º SEMESTRE DO
ANO LECTIVO 2023/2024**

Autor: Zacarias Nungulo Jundo

Orientador: Damião Félix João Banza, Msc

Icolo e Bengo, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**GRAU DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS EM SALAS DE
AULAS NA ESCOLA Nº 4016 CACUACO - 1º SEMESTRE DO
ANO LECTIVO 2023/2024**

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola (ISA) como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Ciências da Educação na especialidade de Pedagogia sob orientação do Professor Damião Félix João Banza, Msc.

Autor: Zacarias Nungulo Jundo

Orientador: Damião Félix João Banza, Msc

Icolo e Bengo, 2025



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Está monografia, foi apresentada no âmbito da conclusão de trabalho de fim do curso de Licenciatura em ciência de Educação no curso de Pedagogia, ao Instituto Superior de Angola. O mesmo tem como tema “Grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas”.

(Estudo realizado na Escola nº 4016) Município de Cacuaco / Luanda

Orientado pelo Professor: Damião Félix João Banza, MSc.

Aprovado aos _____ / _____ /2025. Obteve a classificação final de _____

A Banca examinadora é composta pelos seguintes professores:

Presidente _____ Assinatura _____

1º Vogal _____ Assinatura _____

2º Vogal _____ Assinatura _____

Secretário _____ Assinatura _____

Icolo e Bengo aos _____ / _____ /2025

DEDICATÓRIA

Ao meu tio, Laurindo Inácio e a minha esposa Rosa Augusta Sala.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai todo-poderoso pela força e espírito de vontade para caminhar durante os quatros anos de formação.

As minhas queridas irmãs Edith Nandulo, Jacinta Jundo, Valentina Jundo.

Ao meu orientador: Damião Félix João Banza, MSc, pela honesta, inteligente, meiga, e sabedoria, com que orientou- me.

A todos os professores do Instituto Superior de Angola (ISA) que sempre demonstraram caminho, e paciência ao transmitirem os seus ricos conhecimentos científicos. Durante a minha formação académica.

À Direcção do Complexo Escolar nº4016, Cacuaco/Luanda.

Aos meus colegas, Mavangu Pedro Makana, Razão Samuel Jorge, Conceição Domingos Júnior, João Silvate João Ramos.

A todos que me ajudaram de uma forma directa e indirecta o meu muito obrigado!

EPÍGRAFE

“Um dia a gente aprende que as crianças autistas passam por nossa vida a todo instante, mas cabe a nós termos sensibilidade e percepção para não deixá-las partirem, sem antes dizermos que são importantes para os outros” (Khoury, 2014).

RESUMO

O presente trabalho aborda sobre o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas. Tema que foi pesquisado no Complexo Escolar nº 4016, no Município de Cacuaco, Luanda. E procura responder a seguinte questão: **Como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no ano lectivo 2023/2024?** Traçou como objectivo geral: Conhecer o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024. E como específicos: Fundamentar teoricamente o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola; Identificar o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016; Destacar o grau da inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016; Propor sugestões metodológicas que visam melhor o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024. Para que os objectivos da pesquisa fossem alcançados utilizou-se o método Teórico, Estatístico, Empírico. O mesmo apresenta o tipo de pesquisa descritiva, cujo modelo de abordagem Quali-quantitativa. Trabalhamos com a população de 73 indivíduos, com amostragem aleatória simples 30 indivíduos, dos quais 1 director geral 1 director pedagógico, 10 professores e 18 Pais e encarregado de educação. De acordo com os resultados obtidos, do grau de inclusão de crianças autistas têm encontram muitas dificuldades inclusão das crianças autistas em salas de aulas inclusivas.

Palavras-chave: Inclusão; Crianças; Autistas; Salas de aulas e Escola.

ABSTRACT

The present work addresses the degree of inclusion of autistic children in classrooms. Theme that was researched in School Complex No. 4016, in the Municipality of Cacuaco, Luanda. And it seeks to answer the following question: How to promote the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school nº 4016 Cacuaco in the 2023/2024 school year? It outlined as a general objective: To know the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school nº 4016 Cacuaco in the academic year 2023/2024. And as specific: To theoretically substantiate the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school; Identify the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school nº 4016; Highlight the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school nº 4016; Propose methodological suggestions aimed at improving the degree of inclusion of autistic children in classrooms at school no. 4016 Cacuaco in the academic year 2023/2024. In order to achieve the objectives of the research, the Theoretical, Statistical, and Empirical method was used. It presents the type of descriptive research, whose model of Quali-quantitative approach. It presents the type of descriptive research, whose model of Quali-quantitative approach. We worked with a population of 73 individuals, with simple random sampling of 30 individuals, of which 1 general director, 1 pedagogical director, 10 teachers and 18 parents and guardians. According to the results obtained, the degree of inclusion of autistic children have encountered many difficulties in inclusive inclusion of autistic. Keywords: Inclusion; Children; Autistic; Classrooms and School.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
1.1 - Definição de Termos e Conceitos	4
1.2- Breve História do autismo	6
1.3- Graus de autismo.....	7
1.3.1- Nível 1 Necessidade de pouco apoio: Comunicação Social	7
1.3.2- Comportamentos repetitivos e restritos.....	7
1.3.3- Nível 2 Necessidade de apoio substancial: Comunicação Social	8
1.3.4- Nível 3 Necessidade de apoio muito substancial	8
1.4- Transtorno do espectro autista da criança autista na sala de aula	8
1.5- Os sintomas e o diagnóstico	10
1.6- Principais tipos de autismo	12
1.6.1- Autismo clássico	12
1.6.2- Síndrome de Asperger	12
1.6.3- Transtorno Invasivo do desenvolvimento	13
1.6.4- Transtorno de Rett	13
1.6.5- Transtorno desintegrativo da infância	13
1.7- A família da criança com transtorno do espectro autista	14
1.8- A Questão escolar das crianças com transtorno do espectro autista	15
1.9-Formação dos professores e inclusão das crianças com transtorno do espectro autista.....	18
1.9.1- O professor e os desafios da proposta da educação inclusiva	19
1.10- A Inclusão das crianças com transtorno do espectro autista no ambiente escolar	21
1.11- Métodos e instrumentos para a inclusão.....	24

1.12- Aspectos da sintomatologia do transtorno do espectro autista	25
1.13- Socialização.....	26
1.14- Comunicação	27
1.15- Comportamentos e interesses repetitivos	28
1.16- Desafios da inclusão escolar ds alunos com autismo e Práticas Pedagógicas	29
1.17- Promovendo a inclusão de crianças em sala de aula	31
CAPITULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA	32
2.1- Tipo de Pesquisa	32
2.2- Modelo de abordagem	32
2.3- Nível de estruturação de Métodos	33
2.4- Técnica de recolha de dados	34
2.5- Instrumento de Pesquisa	34
2.6- Caracterização do campo de estudo	35
2.7- Procedimentos para a recolha de dados.....	35
2.8- População e Amostra.....	36
2.9- Caracterização dos interlocutores.....	36
2.10- Dificuldades encontradas.....	37
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	38
3.1- Leitura e apresentação da entrevista dirigida aos membros de direcção .	38
Leitura e Apresentação da entrevista dirigida aos Professores da escola em estudo	39
Resultado dos inquéritos dirigido aos Pais e encarregados de educação	44
3.2-Discussão dos Resultados	46
CONCLUSÕES.....	48
SUGESTÕES.....	49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA Erro! Indicador não definido.

APÊNDICES

ANEXOS.....

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco, no lectivo ano 2023/2024. O autismo é o causador de muitos distúrbios nas interações sociais. De acordo com Araújo (2014), os distúrbios podem ser observados já no início da vida; o contacto "olho a olho".

A inclusão do autismo em sala de aula é um tema polémico, mas muito importante, a inclusão escolar da criança autismo é um direito adquirido por lei, que garante o acesso de crianças com necessidades especiais nas escolas regulares.

Educação Inclusiva o acolhimento de todas as crianças, recomenda-se que se desenvolva uma atuação pedagógica focalizada na relação com a criança, respondendo às necessidades de cada uma, valorizando e ponderando as diferenças encontradas entre elas. Nesse sentido, emerge a necessidade de construir currículos flexíveis, passíveis às adequações com base no contexto grupal no qual a criança está inserida, assim como nas suas condições pessoais. (MEC, 2005).

O autismo definido como aquele que necessita de apoio substancial. Possuem, na comunicação social, déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, apresentam prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio e limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros (Lemos, et al, 2014)

Na perspectiva de Uchoa (2015), inclusão escolar de autistas sob a perspectiva de professores da Educação Infantil, indica que a inserção destes alunos está cada vez mais comum nas escolas regulares, mas os professores ainda relatam muitas dificuldades no trabalho pedagógico para conseguir responder adequadamente aos desafios colocados pela progressiva consolidação da Educação Inclusiva.

“Problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa de real importância, para qual se deve encontrar uma solução, devendo especificá-la de forma precisa e exata, Quissua (2019, p. 26)”.

A nossa sociedade, depara - se muito com problema de exclusão de crianças autistas no seio de crianças normais, algumas vezes os professores não conseguem

descobrir quando é que, uma criança é ou não autista. Diante desta situação levantou – se a seguinte pergunta de partida:

Como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no ano lectivo 2023/2024?

❖ Hipóteses

Para Nkuansambu (2018, p. 89), hipóteses “são possíveis respostas ou afirmações que os pesquisadores dão ao problema levantado, cuja finalidade é orientar a expectativa sobre os resultados que serão obtidos”.

H1- adaptar o ambiente escolar das crianças com grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas inclusivas;

H2- A falta do conhecimento dos professores para lidar com crianças autistas em salas de aulas.

❖ Objectivos

"Os Objectivos dividem-se em geral e específico, utilizando a conjugação verbal no Infinitivo eles consistem na formulação das pretensões da pesquisa, onde pesquisador define, esclarece e revela os focos e interesse da pesquisa", (Quissua 2019, p. 28).

❖ Geral

Conhecer o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024.

❖ Específicos

- 1- Fundamentar teoricamente o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola;
- 2- Identificar o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024;
- 3- Destacar o grau da inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024;
- 4- Propor sugestões metodológicas que visa melhor o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024.

❖ **Delimitação e Limitação**

"Delimitar a pesquisa é estabelecer limites para a investigação. A mesma pode ser delimitada em relação ao assunto, a extensão" entre outros factores (Marconi & Lakatos, 2008)

b) Devido à abrangência do tema delimitaremos a nossa pesquisa sobre o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024.

a) E limitaremos o nosso estudo aos gestores da escola, professores e pais e encarregados de educação da referida escola.

❖ **Justificativa**

A escolha deve – se pelo facto de grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas, entretanto, este estudo é importante porque toda crianças com autismo, devem ser inclusos em sala de aula, tanto na aprendizagem como na interação ao meio social, independentemente das suas dificuldades. Hoje temos uma dificuldade quando tratamos do assunto da Educação Inclusiva. Há uma falta de informação sobre o que deve ser feito ou não quando se tem em sala de aula alunos portadores de necessidades especiais.

❖ **Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho está organizado de seguinte forma ou capítulos.

- Introdução;
Capítulo I. Fundamentação Teórica, onde se abordou as definições de termos e conceitos de autores que sustentam a temática em estudo;
- Capítulo II. Reservado aos métodos e técnicas usadas para a elaboração da investigação.
- Capítulo III. Consta a discussão dos resultados, para terminar apresentam-se as conclusões e as sugestões, assim como as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

CAPITULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - Definição de Termos e Conceitos

- **Inclusão**

De acordo com a UNESCO (2008) o conceito de inclusão apoia-se em duas linhas principais:

A inclusão é um processo inacabado de encontrar maneiras melhores de responder à diversidade. Este aspecto enfatiza o caráter evolutivo e permanente da promoção da inclusão. E a partir dele, podemos afirmar que não existem na realidade escolas inclusivas, mas sim as que mais se aproximam disso.

A inclusão diz respeito à identificação e remoção de barreiras. Na escola atual podem existir numerosas práticas “naturalizadas” pelo seu uso frequente que podem ser barreiras à aprendizagem. Neste sentido a educação inclusiva tem a função de relacionar informação de fontes diversas para planejar melhores práticas, de forma a eliminar barreiras à aprendizagem.

Na perspectiva de Lemos *et al* (2014), a inclusão pressupõe que todas as crianças tenham uma resposta educativa num ambiente regular que lhes proporcione o desenvolvimento das suas capacidades.

Inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem de uma forma consciente e responsável, na sociedade de fazer parte. Uchoa (2015).

No nosso ponto de vista a inclusão é o acto de incluir ou acrescentar coisas, pessoas em grupo e núcleos que antes não faziam parte.

- **Crianças**

Segundo Organização mundial da saúde (2010), a criança é todo indivíduo com menos de 18 anos de idade.

De acordo Ferreira (2010), toda pessoa que se encontra em sua primeira fase de existência é considerada criança.

No ponto de vista cronológico, criança é percebida desde o momento do seu nascimento ate a puberdade, (Felberg, 2014).

No nosso entender criança são aqueles indivíduos que transcorrem pela primeira instância da vida conhecida como infância.

- **Autistas**

O autismo é um desequilíbrio do desenvolvimento do cérebro que compromete a comunicação e a interação social das pessoas, ocasionando um comportamento restringido e repetitivo (Nascimento, 2007).

Para Boralí (2007). O autismo é uma condição neurológica que compromete a interação social, a fala e o comportamento do indivíduo.

Segundo Santos (2008, p. 20). O autismo é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento do indivíduo, interferindo na capacidade de comunicação, linguagem.

Na nossa opinião autismo se refere a uma série de condições caracterizadas por alterações de comportamentos, comunicação e linguagem.

- **Salas de aulas**

Para Bahia, (2010), sala de aula é um local, geralmente numa escola, onde os alunos aprendem conhecimentos que são passados pelo professor, e socializam com outros indivíduos.

Segundo Mehan (2012), a sala de aula é o espaço de encontro entre alunos, professor e conhecimento. Nela, vínculos de amizade, cooperação e confiança se constroem e se consolidam, animando o processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Mortimer & Scott (2003). Sala de aula o espaço no qual se dá a interação entre a professora e seus alunos. A professora atua como mediadora das relações que os alunos estabelecem com o conhecimento.

Segundo o nosso entender sala de aula é que tem gerado vários estudos que tentam construir instrumentos teóricos e metodológicos que permitam dar visibilidade às interações sociais e discursivas que são aí produzidas.

- **Escola**

De acordo com Bosch (2007, p. 80), define escola como uma organização indispensável nos tempos modernos como forma de enriquecimento das experiências de socialização e da dinâmica das relações interpessoais.

Na óptica Carlos (2016, p. 90), escola é uma instituição privilegiada da sociedade que lhe é confiada o cuidado de transmitir às crianças os valores culturais, sociais e morais.

Na perspectiva de Silvina (2017, p. 345), a escola é uma instituição social que tem como principal objectivo proporcionar às crianças e jovens uma educação básica, tanto intelectual como moral e ética.

Entende – se que a escola é um espaço acolhedor e seguro onde as crianças possam aprender e crescer positivamente.

1.2- Breve História do autismo

Os autistas eram conhecidos como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento social. É somente em 1911, que o psiquiatra austríaco Eugen Brauwler. Inicia estudo na área. Ele é o primeiro a utilizar a palavra “Autismo”, que deriva do grego “Autos”, que quer dizer: “Voltar-se para si mesmo”.

A palavra surgiu devido às suas observações com pessoas esquizofrênicas. Mais tarde foram surgindo novas pesquisas com crianças que desde o início de suas vidas já apresentavam isolamento extremo, tinham, portanto, traços diferenciados de outras crianças, pois não gostavam de mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas, tinham preferências por objetos inanimados ao invés das pessoas, entre outras características.

Em 1943, que o psiquiatra infantil austríaco Leon Kanner, por meio das suas pesquisas de observação, relacionou as características dos alunos autistas ao comportamento e cuidados que as mães das mesmas lhes dedicavam, e criou o conceito da “mãe geladeira”, referindo ao conceito dessas mães serem frias e pouco afetivas com suas crianças.

O mesmo o autor veio a publicar para retratar-se do conceito, tendo em vista que o mesmo gerou muita controvérsia e sofrimento para as famílias (Silva, 2012, p. 112).

Em 1944, o pesquisador austríaco Hans Asperger observou e avaliou o comportamento e as habilidades de 400 crianças e descreveu sobre diversas características com a falta de empatia, pouca ou nenhuma interação social, causando até mesmo, certas dificuldades de fazer amizades, além de hiperfoco em alguns assuntos.

Em especial destacou coordenação motora bem reduzida ou nenhuma, dificuldades na comunicação e linguagem. Essas observações denominaram mais tarde como “Síndrome de Asperger”, no qual destacava além dos sintomas

apresentados, uma “alta habilidade para discorrer sobre um tema minuciosamente”. Fumegalli (2012, p. 113).

Ano após ano, conhecido autismo deixou de ser considerado como forma esquizofrênica e passou a ter reconhecimento diferenciado. Mas, é somente na década de 80, que os estudos científicos ganham destaque e se constroem bases mais sólidas a respeito do assunto.

Maior cuidado com o diagnóstico e maiores critérios para se inferir sobre o tema são evidenciados.

Há uma distinção entre a esquizofrenia e o quadro autístico, sendo este tratado como um distúrbio do desenvolvimento.

1.3- Graus de autismo

Inicialmente é necessário salientar que o autismo classifica-se em grau leve (Nível 1), grau moderado (Nível 2) e grau severo (Nível 3). Para Pessoa (2012), as classificações baseiam em quantidade de apoio necessária para contemplar as necessidades de cada um, considerando as dificuldades comunicação, nos interesses restritos e comportamentos repetitivos.

Cada grau requer cuidado, seja na escola, família e consequentemente, uma forma de tratamento. Assim, quando o diagnóstico é confirmado com transtorno do espectro autista a criança pode estar no nível 1, 2 ou 3.

1.3.1- Nível 1 Necessidade de pouco apoio: Comunicação Social

- ❖ A criança necessita de apoio contínuo para que as dificuldades na comunicação social não causem maiores prejuízos;
- ❖ Apresenta dificuldade em iniciar interações com outras pessoas, sejam adultos ou crianças, ocasionalmente oferecem respostas inconsistentes as tentativas de interação por parte do outro;
- ❖ Aparentemente demonstram não ter interesse em se relacionar com outras pessoas.

1.3.2- Comportamentos repetitivos e restritos

- ❖ Comportamento repetitivo e restrito ocasiona uma inflexibilidade comportamental na criança, gerando assim dificuldade em um ou mais ambientes;
- ❖ A criança fica por muito tempo em uma única atividade (hiperfoco) e apresenta resistência quando necessita mudar para outra;

- ❖ Alterações na organização e planejamento podem atrapalhar o trabalho pela busca da independência e autonomia da pessoa.

1.3.3- Nível 2 Necessidade de apoio substancial: Comunicação Social

- ❖ A criança apresenta um déficit notável nas habilidades de comunicação tanto verbais como não verbais;
- ❖ Percebe-se acentuado prejuízo social devido pouca tentativa de iniciar uma interação social com outras pessoas;
- ❖ Quando o outro inicia o diálogo as respostas, geralmente, mostram-se reduzidas ou atípicas.

1.3.3.1- Comportamentos repetitivos e restritos

- ❖ Apresenta inflexibilidade comportamental e evita a mudança na rotina, pois tem dificuldade em lidar com ela;
- ❖ Essas características podem ser notadas por um parente ou amigo que raramente visita a casa da família;
- ❖ A criança se estressa com facilidade e tem dificuldade de modificar o foco e a actividade que realiza.

1.3.4- Nível 3 Necessidade de apoio muito substancial

1.3.4.1- Comunicação social

- ❖ Há severos prejuízos na comunicação verbal e não- verbal;
- ❖ Apresenta grande limitação em iniciar uma interação com novas pessoas e quase nenhuma resposta as tentativas dos outros.

1.4- Transtorno do espectro autista da criança autista na sala de aula

Para Silva *et al* (2012), nos apresenta de uma forma bem rica em detalhes, o que é ser uma criança com transtorno do espectro autista) e suas especificidades. O Transtorno do espectro autista é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, e salienta que, dentre estas áreas, geralmente a mais comprometida é a interação social.

Percebemos que as crianças com transtorno do espectro autista é aquele ser puro, neutro, magnífico e singular no seu modo de ser, mesmo que dentro de si existam milhões de mundos a serem descobertos. E nos chama a atenção para que

não nos deixemos contaminar com os estereótipos que a sociedade tem a respeito das pessoas com transtorno do espectro autista.

Na perspectiva de Brito (2013), o transtorno do espectro autista ainda é novo e pouco compreendido. O comum são as pessoas utilizarem a expressão “autista” para designar todas as variações do o transtorno do espectro autista. No entanto, como o transtorno do espectro autista não se manifesta de uma única forma, o adequado é utilizar o termo transtorno do espectro autista e compreender que, na verdade este espectro é caracterizado por possuir variações que “transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso”.

De acordo com Brito (2013, p. 250), classifica o transtorno do espectro autista como um transtorno que possui variações e subdivide estas variações em pelo menos quatro categorias, que variam do grau mais leve (menos comprometido) até o mais alto grau (cujo comprometimento é maior), podendo ser assim divididos:

- ❖ Traços de autismo (cujas características são bem leves);
- ❖ Síndrome de Asperger (possuem alguns comprometimentos básicos, mas com um nível intelectual e de habilidades importantes);
- ❖ Autismo de alto funcionamento (os savant);
- ❖ Autismo Clássico (o que apresenta maior comprometimento, inclusive intelectual).

Os indivíduos que possuem transtorno do espectro autista, destacamos aqueles que têm a síndrome de Asperger. Geralmente são confundidos com os savants, mas existe uma diferença entre eles. As crianças com asperger geralmente apresentam “interesses restritos, em determinadas áreas específicas”, já os savants “apresentam de maneira extraordinária, no mínimo uma habilidade especial” (Silva, 2012, p. 100).

É importante dizer que em todos os que possuem o transtorno do espectro autista, há potencialidades e algumas limitações, no entanto, é preciso que a sociedade identifique estas potencialidades e estimule a autonomia e o desenvolvimento destes indivíduos, valorizando cada conquista. Desse modo, em Angola e no mundo muitas pessoas com transtorno do espectro autista que venceram suas dificuldades e com ajuda da família ou de profissionais conseguiram direcionar corretamente seus talentos para desempenhar papéis importantes na sociedade.

1.5- Os sintomas e o diagnóstico

No passado, muitos apontavam que o transtorno do espectro autista estaria relacionado com os genes dos pais, os quais passariam a síndrome para seus filhos, todavia, com o advento da ciência isto não se comprovou, uma vez que ainda não se sabe qual gene origina o autismo. Com isso se torna difícil afirmar qual é o causador de tal transtorno.

Percebe – se que, os especialistas salientam que alguns cuidados não devem ser descartados durante o período da gestação, a fim de que se possam minimizar as chances de que se ocasione o transtorno do espectro autista nos fetos, revelando que há suspeitas de que possa haver relação entre factores ambientais, uso de drogas, etc.

Por isso, que as gestantes façam acompanhamento adequado no período gestacional, evite bebidas alcoólicas, cigarros, substâncias tóxicas e uso de medicamentos que podem trazer mal para a formação da criança.

De acordo com Camargo e Bosa, (2009, p. 67), o transtorno do espectro autista se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação e pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.

Com este conceito, evidente que para entender a pessoa com o transtorno do espectro autista é preciso entender o seu jeito de pensar, se relacionar e agir, ou seja, procurar vê-lo como alguém que apresenta modos diferentes e por isso necessita de respeito. Portanto, não é um sujeito incapaz de, mas, que pode fazer as coisas de maneira diferente. Sendo assim, quando a sociedade não entende e não respeita esse modo de ser do indivíduo com o transtorno do espectro autista, acaba atrapalhando seu desenvolvimento.

As habilidades das crianças com Transtorno do Espectro Autista não conseguem perceber são as características comportamentais e faciais das demais pessoas, e por isso demoram a interagir por não compreender as intenções, sensações, emoções e atitudes delas. As crianças com Transtorno do Espectro Autista também apresentam dificuldades de planejar e executar tarefas e muitas vezes o apego às rotinas é algo que lhe causa conforto e segurança.

As crianças com Transtorno do Espectro Autista não conseguem “juntar partes de informações para formar um todo”, ou seja, elas não entendem como esse

todo acontece, pois, centralizam sua atenção nos detalhes, sem levar em conta o contexto histórico da atual situação onde está inserido.

Diante disto, fica evidente que o diagnóstico das crianças com Transtorno do Espectro Autista é realizado através do seu histórico de vida e de observação minuciosa do seu comportamento, desde a gestação da mãe até os dias atuais.

Para que o diagnóstico seja bem elaborado se faz necessário que os pais ou babás, não percam nenhum detalhe da vida da criança e que repassem todas as informações detalhadamente aos especialistas. Portanto, o diagnóstico não se faz num dado momento, mas, é o resultado de um acompanhamento.

De acordo com Fumegalli (2012, p. 250), as técnicas que permite um especialista realizar avaliação na criança autista, torna referencial bastante utilizado para ajudar o diagnóstico. Tais como:

- ❖ A escala de avaliação de traços autísticos;
- ❖ O Inventário de comportamento autístico;
- ❖ Questionário de verificação do autismo.

As avaliações são importantes para as crianças avaliadas e pode ser muito útil nessa avaliação diagnóstica e o acompanhamento e avaliação diagnóstica processual.

Os sintomas das crianças com transtorno do espectro autista podem ser observados por seus pais desde muito cedo, a partir dos estímulos nos primeiros meses de vida do bebê e ao longo do seu desenvolvimento. No entanto, o diagnóstico com profissionais da área, pode ser obtido próximo dos três (3) anos de idade.

Para o diagnóstico, os profissionais fazem levantamento de toda a vida da criança e tudo o que lhe parecer suspeito ao seu desenvolvimento. Para isso, pais, babás e familiares serão os principais canais de comunicação e informação e que ajudarão aos profissionais a construir um bom diagnóstico, uma vez que qualquer detalhe é parte das ferramentas indispensáveis para conhecer com profundidade a criança observada.

Na visão de Silva *et al* (2012, p. 157), a criança com Transtorno do Espectro Autista precisa ser investigada pelos profissionais de maneira criteriosa, “cada criança tem maior ou menor facilidade com alguma área”, e será nesse ponto que os

profissionais irão desenvolver sessões a serem trabalhadas com a criança “sempre com o foco em avanços para outras etapas”.

Uma das principais características do transtorno do espectro autista é a falta de interesse com o social, como também, sua dificuldade em interpretar sinais e símbolos. Com isso, torna-se bastante difícil sua comunicação verbal e não verbal, e consequentemente, gera a falta de interesse em determinados assuntos.

Diante das dificuldades de socialização, as crianças com transtorno do espectro autista têm “pouca curiosidade social e por isso não aprendem a relatar acontecimentos de forma espontânea”. Portanto, por não saberem relatar sobre seus acontecimentos diários, não entendem quando são vítimas de agressões físicas ou verbais, e essa falta de entendimento se dá pela incompreensão de não perceber as intenções das pessoas e suas reais ações.

1.6- Principais tipos de autismo

1.6.1- Autismo clássico

De acordo com Pessoa (2012), o autismo clássico é caracterizado por problemas com a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. O autismo clássico é descoberto antes dos três anos e é exatamente o atraso do desenvolvimento da linguagem que sinaliza a presença desse tipo de autismo.

Para Silva (2012), o autismo clássico varia de leve a alto funcionamento ou ainda a grave ou baixo funcionamento. Ou seja, este tipo de autismo envolve sintomas perceptíveis a partir do atraso das competências linguísticas o qual compromete o desenvolvimento social, assim como a falta de capacidade para lidar com brinquedos e outras atividades lúdicas.

Os sintomas do autismo são profundos e envolvem a ausência de habilidades de comunicação e outras que tornam o autista diferente de outras crianças que apresentam capacidades cognitivas muito mais elevadas.

1.6.2- Síndrome de Asperger

Ainda de acordo Pessoa (2012), síndrome de Asperger é um tipo de autismo de alto funcionamento e suas características se pelas excepcionais habilidades verbais, problemas o jogo simbólico, assim como dificuldades com habilidades sociais, motricidade fina e grossa e outras habilidades específicas da criança com Síndrome de Asperger.

A escola e a família têm papéis fundamentais no processo de descoberta da síndrome de aperger e conseqüentemente, cuidar dos portadores da mesma no sentido de ajudar a criança nos processos de socialização e desenvolvimento de habilidades cognitivas, embora esse seja o maior desafio.

1.6.3- Transtorno Invasivo do desenvolvimento

O transtorno do espectro do autismo em que profissionais de saúde mental costumam diagnosticar os indivíduos com autismo de alto funcionamento ou baixo. É conhecido como autismo atípico o qual não apresenta todas as características clássicas de autismo.

Segundo Pessoa (2012), os indivíduos diagnosticados com esse tipo de autismo podem mudar com a linguagem ou as habilidades sociais e comportamentos repetitivos, mas eles não podem encontrar desafios em todas as três áreas. Esta desordem difere de Síndrome de:

1.6.4- Transtorno de Rett

Conforme Pessoa (2012, p. 100) uma vez considerado um transtorno do espectro do autismo, Síndrome de Rett não será incluída no espectro do autismo. Isso se dá porque Transtorno de Rett é causado por uma mutação genética.

Apesar de os sintomas da desordem, que incluem a perda de habilidades sociais e de comunicação, imitar o autismo clássico, a doença passa por diversas fases diferentes.

Normalmente, as crianças diagnosticadas com Transtorno de Rett superam muitos dos desafios que são semelhantes ao autismo. Podem enfrentar outros desafios, incluindo a deterioração de habilidades motoras e problemas com a postura, que não afetam a maioria das pessoas do espectro do autismo.

1.6.5- Transtorno desintegrativo da infância

Ainda de acordo com Pessoa (2012), o Transtorno desintegrativo da Infância é caracterizado por uma perda de comunicação e habilidades sociais entre as idades de dois e quatro anos.

De acordo com Silva (2012), o transtorno tem muito em comum com autismo regressivo, e será classificado como transtorno do espectro do autismo em geral. É fundamental compreender os diferentes tipos de autismo, se os transtornos têm diagnóstico oficial separado ou não, pode ser muito útil ao formar expectativas, projectando plano de tratamento e com estratégias comportamentais.

Com todos os transtornos do espectro do autismo, é importante procurar ajuda logo que você suspeitar que algo não pode estar certo. Sendo ativamente envolvido no tratamento é a maior coisa que você pode fazer para ajudar seu filho ou você mesmo superar alguns dos desafios de transtornos do espectro do autismo.

1.7- A família da criança com transtorno do espectro autista

Não é fácil ouvir que seu educando tem Transtorno do espectro autista e perceber que todo planejamento a ele relacionado precisará ser modificado. Para muitos pais é uma tarefa difícil de aceitar. Quando recebem o diagnóstico com a comprovação de que sua criança tem transtornos do espectro autista, muitos têm sua vida transformada radicalmente, e na maioria das vezes, necessitam de algumas ferramentas e suporte profissional para superar o medo.

Deste modo, a situação da família fica pior, pois sem ajuda adequada não é fácil que os pais desenvolvam olhares novos frente aos muitos desafios que os esperam.

De acordo com Belisário & José (2010), sugestões que deveriam ser seguidas pelos pais e familiares, sobretudo no que tange a integração, o cuidado e a rotina das crianças com transtorno do espectro autista, como: zelo, paciência, fiscalização, persistência, disciplina e criatividade. São pequenas atividades que promoverão mudanças adequadas para desenvolvimento da criança.

Além disso, destaca que é imprescindível a presença de profissionais especializados para ajudarem os pais, fazendo um levantamento sobre os comportamentos e o desenvolvimento da criança, podendo assim, direcionar a criança para desenvolver a sua própria independência.

As crianças com o transtorno do espectro autista precisa entender e aprender a ler o mundo a sua volta, uma vez que, as mesmas sofrem de um “conjunto de sintomas, com alteração em três áreas específicas: a socialização, a linguagem/comunicação e o comportamento”, (Silva et al, 2012, p. 60). Diante disto, os pais serão responsáveis nesse processo de desenvolvimento, lembrando que nem tudo ocorrerá de acordo com a sua vontade, mas no tempo e espaço que a criança com o transtorno do espectro autista se sinta preparada, evitando prejuízos para possíveis traumas futuros.

Sabendo dos desafios para a família de crianças com o transtorno do espectro autista, Khoury (2014, p. 32), menciona algumas sugestões de como os pais

poderão proceder, caso ocorra durante esse processo, desobediência teimosias e orienta os pais que nem sempre é bom punir a criança, mas, valorizar as ações realizadas pela criança.

Deste modo, ações ou atitudes negativas não devem ser salientadas para que não sejam reforçadas. Por outro lado, as boas ações devem ser estimuladas, destacadas, para que sejam repetidas pela criança. No entanto, é importante lembrar que cada caso é único, portanto, o que funciona para determinada criança pode não funcionar para outra.

De todo modo, há dicas, relatos e situações que podem ser buscadas pelos pais para melhorar a convivência familiar. Uma das principais dicas é a busca por informações.

É bom que os pais conheçam sobre o transtorno do espectro autista e sobre o que acarreta suas dificuldades e superações. Buscar informações em grupos de apoio, escolas, profissionais especializados ou até mesmo em experiências com outros pais que vivem a mesma situação, já torna mais aliviada a grande jornada que os pais junto com suas crianças irão enfrentar.

Outro aspecto a ser considerado é que os pais necessitam inserir a criança com o transtorno do espectro autista nas rotinas domésticas e esportivas para que a mesma comece a vivenciar experiências sociais e familiares.

Assim, os pais podem se sentir seguros para desfrutar de momentos íntimos que o façam fortalecer sua relação de casal, uma vez que o cuidado com sua saúde e com o seu emocional, traz grande impacto nas suas atitudes.

Na perspectiva de Brito (2013), é comum ouvirmos relatos de mães que tiveram que assumir a responsabilidade do filho com o transtorno do espectro autista, sozinha. Mães que foram abandonadas pelo marido, após o diagnóstico.

Não é fácil enfrentar este desafio sem apoio, sem companheirismo. Por isso, a união do casal foi e sempre é importante para que superem as dificuldades enfrentadas no dia - a - dia.

1.8- A Questão escolar das crianças com transtorno do espectro autista

Cada vez mais a sociedade nos mantém afastados da convivência social. As casas se tornam menores, os vínculos de amizade diminuem, as brincadeiras e a convivência ao ar livre já não nos trazem sentimento de segurança.

Essa é a realidade que vivemos hoje e a escola acaba se tornando a nossa primeira experiência social. Lá se aprende a viver e a conviver em grupo, a desenvolver funções em equipe, a criar amizades e vínculos, a socializar e mostrar as qualidades e aptidões, caminhar sozinha, seguir regras e desenvolver tarefas.

Para Costa (2012), uma criança “sem deficiência” a entrada na escola gera inúmeras expectativas. No entanto, para a criança que possui transtorno do espectro autista, esta tarefa torna-se mais difícil, pois envolve interação, comunicação e comportamentos específicos, para um contexto absolutamente novo.

O transtorno do espectro autista tem suas variações, existe uma diversidade de condutas que podem ser reveladas. Portanto, o professor não pode generalizar.

Para a criança com traços de autismo leve toda essa rotina é facilmente desenvolvida e acompanhada, com pequenas adaptações pedagógicas. Já as crianças com autismo clássico, as adaptações são maiores, uma vez que esse aluno possui maiores dificuldades de comportamento que comprometem a socialização e a comunicação com os demais colegas e o professor.

Para Silva et al, (2012, p. 75), as crianças que apresentam o autismo clássico, portanto, possuem um déficit intelectual associado, “para que estas se adaptam necessitam de acompanhamento educacional personalizado e individual”. Por isso, a presença do professor é muito importante para tais casos.

À medida que se conhece o transtorno do espectro autista, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhes causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo.

Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com Transtorno do espectro autista e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar.

O professor deverão, introduzir as actividades que facilitam entendimento das crianças com transtorno do espectro autista constroem um relacionamento entre professor e as crianças. É válido inserir a criança com transtorno do espectro autista nas actividades de rotina, bem como em todas as actividades programadas. No entanto, sem dispensar as adaptações.

Na perspectiva de Brito (2013, p. 300), a forma de integrar as crianças com Transtorno do espectro autista na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar os cadernos para as demais crianças), uma vez que, esta tarefa poderá trazer grande interação com as outras. Do mesmo modo, as crianças da turma precisaram ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar as crianças com Transtorno do espectro autista, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar.

Modelo inclusivo, a criança com transtorno do espectro autista não está sozinha. Por isso, quando ocorrer dispersão da turma, e neste momento, o professor necessita elevar o tom de voz, a fim de conseguir a atenção de todas as crianças. Neste caso é fundamental o professor entender e conhecer a criança.

Na opinião de Cunha (2014), o uso de materiais visuais devem ser inserido na aprendizagem da criança com transtorno do espectro autista.

É preciso respeitar as preferências das crianças sobre determinado assunto, que pode estar relacionado ao seu interesse

Na opinião de Orrú (2012, p. 100), é preciso considerar que a criança com transtorno do espectro autista, na sua socialização escolar, não irá entender que ao pegar um brinquedo do coleguinha e ele chorar, seu choro será por causa do brinquedo tomado de suas mãos.

Ao contrário disso, a criança com Transtorno do espectro autista, olha a sua colega chorando e não entende o motivo do seu choro e o que lhe está causando tamanha tristeza.

São sentimentos assim, que o sujeito com transtorno do espectro autista não sabe decifrar, e neste momento o professor ou cuidador reforçará na criança o estímulo correto na atitude de entregar o brinquedo à criança para que a mesma pare de chorar e explicar de forma simples que, toda vez que ele pegar um brinquedo do coleguinha sem pedir emprestado e o coleguinha chorar, deve-se devolver e pedir-lhe desculpas.

O mesmo autor Orrú (2012, p. 101), com isso, a criança vai que entender que quando quiser algo, primeiro se deve pedir antes.

1.9-Formação dos professores e inclusão das crianças com transtorno do espectro autista

No processo de formação inicial é possibilita ao professor identificar diferentes casos e relatos encontrados no universo escolar, contribuindo assim para entender os problemas existentes. Na atualidade, se espera um olhar mais atento do professor no que diz respeito à inserção no cotidiano escolar e no fundamento das suas actividades pedagógicas.

Na perspectiva de Costa (2012, p. 78), a formação dos professores sinalizam a importância da autonomia escolar e determinada responsabilidade do profesor, sem descuidar do projecto institucional da escola.

Portanto, o protagonismo na educação esteja dirigido aos educadores, se dará a partir de suas definições sobre como ensinar, como se aprende, qual a melhor forma de avaliar.

Assim, podendo - se assumir concepções que possibilitem desenvolver uma actividade pedagógica caracterizada por perspectiva de recursos voltada ao ensino como uma acção educacional que não ultrapasse os limites da sala de aula, cujos métodos e técnicas empregados estejam ao serviço de um conhecimento dinâmica do universo.

Nos dias atuais as escolas precisam de acções multidisciplinares, que saiam de dentro das salas de aula e percorram os arredores da escola, atinjam seu corpo escolar, famílias, comunidades e órgãos responsáveis.

Para Silva et al (2012, p. 110), intensifica que “além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam de suporte psicológico e uma boa relação com as famílias para lidarem com os desafios da inclusão”.

O grande recurso para a aprendizagem na formação do professor é a vida do aluno. O professor, além de conhecer sobre suas especificidades, também precisa detectar suas habilidades.

As dificuldades que “aquele” aluno enfrenta são interessantes, pois é a partir delas que o professor saberá qual modo de intervenção utilizar.

Mas, saber das habilidades do aluno também é fator primordial, pois são estas habilidades que o professor utilizará para fazer com que o aluno possa ser incluído.

Tudo, portanto, depende da formação que o professor recebe, pois é ela que pode garantir que o professor assuma seu papel social.

Nesse sentido, de acordo com a Declaração da Salamanca: é preciso repensar a formação de professores especializados, afim que, estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e devem assumir o papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abarcando todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas.

De acordo com Fumegalli (2012, p. 43), a formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem.

É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos.

1.9.1- O professor e os desafios da proposta da educação inclusiva

A capacitação do professor para atuar em sala de aula inclusiva, conforme as diretrizes da (UNESCO, 2004, p.13):

Na opinião de Papim e Sanches (2013, p. 145), os professores capacitados para atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de competências.

Observa-se que a capacitação do professor com conteúdos de ensino é insuficiente para que o professor desenvolva as actividades pedagógicas inclusivas frente às situações emblemáticas que enfrentará na sala de aula, relativas às especificidades individuais de cada criança com deficiência.

Deste modo a inclusão é desafiador para o professor que trabalha com crianças de necessidades educacionais especiais inseri-se num contexto educacional inclusivo que exige redefinir o seu papel.

Há suposições a serem enfrentadas pelo professor no cotidiano de sala de aula sugerem “as receitas pedagógicas que partem do pressuposto que todos são iguais; os livros didáticos com suas perguntas e respostas prontas, os planejamentos e avaliações fechadas e fixas”. Segundo (Mieto, 2015, p.206).

A proposta de educação inclusiva é centrada nas características individuais de cada criança, o que justifica o currículo deve ser adaptado às capacidades e os interesses da criança.

De acordo com Maciel e Raposo (2010), apresenta alguns pontos que orientar o professor a exercer as suas actividades em sala de aula inclusiva:

- ❖ Que é aprendido e ensinado (contexto);
- ❖ Como é oferecido (métodos de ensino aprendizagem);
- ❖ Como é avaliar (provas, por exemplo) e os recursos usados (ex. livros usados para ministrar os conteúdos e para o processo ensino-aprendizagem).

O currículo formal [baseia-se] em um conjunto de objectivos e resultados previstos.

Segundo Vieira e Zaidan (2013, p. 34), as actividades pedagógicas se concretiza nas acções do professor no contexto escolar.

Entende – se que as actividades pedagógicas é uma prática social complexa, acontece em diferentes espaço, tempo da escola, no cotidiano do professor e alunos nela envolvidos, de modo especial, na sala de aula, mediante a interação professor – aluno – conhecimento.

Portanto, justificam-se os desafios do professor desempenhar seu papel diante das crianças autista em sala de aula, é ambiente propício para a socialização, das crianças interagem entre si e com o professor.

O ingresso das crianças autista no ensino regular não é fácil quanto possa parecer, pois as características do autismo dificultam a elaboração de propostas pedagógicas, conforme Melo et al (2019).

A inclusão de aluno no ensino regular, de acordo com estes autores desafia o professor da classe comum por exigir que adapte os recursos de ensino considerados tradicionais e formule estratégias em consonância com as características individuais de cada criança autista.

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade precoce, tipicamente antes do três anos de idade. Com

impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.

1.10- A Inclusão das crianças com transtorno do espectro autista no ambiente escolar

Os professores que tem em sua sala de aula alunos com Transtorno do espectro autista precisam conhecer outros métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte a qualquer eventualidade que os alunos precisam.

Por isso, o professor não pode se sentir sozinho. A parceria família e escola é muito essencial para o sucesso e aprendizagem dos alunos a criança com Transtorno do espectro autista.

Nessa direção, entende - se por inclusão, a participação de todos os indivíduos em um processo de interação, linguagem e participação social.

Apesar de um termo polissêmico (que contém muitos significados), seu uso tem sido bem relacionado à questão escolar e é nesse sentido que utilizamos aqui.

A inclusão é relativamente recente, ouvindo-se falar pela primeira vez – no Brasil - nos meados dos anos 90. Mas, por seu sentido amplo pode ser facilmente confundida com a integração.

Mas, enquanto a Integração defende com prioridade o direito das pessoas com deficiência, buscando a inserção parcial e condicional dessas pessoas, na inclusão se pressupõe o direito de todos, sem nenhuma condição ou restrição.

Desse modo, a inclusão do aluno com Transtorno do espectro autista precisa ser compreendida na mesma direção. A inclusão dos alunos Transtorno do espectro autista pressupõe um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades do indivíduo, respeitando suas particularidades.

Assim, esse processo de inserir dos alunos com Transtorno do espectro autista das salas regulares de ensino traz uma quebra de paradigma para as escolas conservadoras e tradicionais.

Na visão de Schmidt (2007, p. 8), a inclusão escolar impõe uma escola em que todas as crianças estejam inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar activamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas.

De acordo com UNESCO (2008), que traz a concepção de inclusão no seu sentido amplo; Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade.

A inclusão escolar das crianças com Transtorno do espectro autista, não se resume apenas nas crianças dentro da escola, mas espera que sua interação se dê num ambiente escolar que se estruture e se adéque não apenas às necessidades físicas da criança, mas que ao incluir esse aluno na escola se produzam novas dimensões, atitudes e atividades em todo o corpo profissional da escola, bem como nas comunidades escolar como um todo.

Segundo Ropoli (2010, p.90), para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento das crianças normais ou especiais. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados.

A inclusão escolar, as escolas precisam estar preparadas para receber e ensinar os alunos. Por isso, os professores precisam estar preparados e conscientes de sua participação junto à escola para que inclusão aconteça. Ele é a ponte principal que fará com que o aluno ultrapasse a barreira do anonimato, da incapacidade, para apresentar suas potencialidades.

Segundo a Declaração da Salamanca Os currículos devem adaptar-se às necessidades da criança e não vice-versa. As escolas, portanto, terão de fornecer oportunidades curriculares que correspondam às crianças com capacidades e interesses distintos. As crianças com necessidades especiais devem receber apoio pedagógico suplementar no contexto do currículo regular e não um currículo diferente. O princípio do professor o fornece toda a mesma educação, proporcionando assistência e os apoios suplementares aos que deles necessitem, (Declaração da Salamanca, 1994, p. 22).

A inclusão escolar por lei se faz necessário a todos. Assim, os alunos com Transtorno do espectro autista ao ser inserido dentro da escola regular, poderá contar com a interação junto às demais crianças e desse modo desenvolver sua linguagem, melhorar seu convívio social, visto que, a escola será sua primeira experiência enquanto sociedade.

Na opinião de Silva (2012, p. 112), a inclusão escolar teria o objectivo nobre de colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor. Falar em inclusão é um tema delicado e complexo quando saímos da teoria e partimos para uma prática efetiva nas escolas

É preciso que toda a escola juntamente com os pais esteja engajada nessa luta de incluir a criança no convívio escolar. Os professores em conjunto com todo o corpo escolar precisam estar atentos às necessidades desses alunos, procurando sempre a melhor maneira de dá - lhe suporte para que eles se sintam seguros e capazes de desenvolver suas potencialidades.

Os professores ao inserir a criança com Transtorno do espectro autista adotará uma metodologia de ensino fundamentada na perspectiva do desenvolvimento da linguagem, onde esse aluno passará a ser reforçado a aprender de uma forma diferenciada dos demais, sempre que precisar, e isso implica na formação que o professor terá para que dê ao mesmo, ferramentas capazes de desenvolver essa mediação entre o professor - aluno com Transtorno do espectro autista e alunos regulares.

De acordo com Orrú (2012, p. 12), a interação entre o professor e seu aluno é fundamental. Os alunos com Transtorno do espectro autista nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma acção de reciprocidade vinda de seu aluno após a identificação de tal interesse, o professor organiza em seu contexto o ambiente para a aprendizagem, as motivações precisam ser trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda acção realizada por seu aluno, por meio da sua mediação.

O trabalho educativo acontece a partir da relação com o outro, em busca da construção desse sujeito que através da cultura, da linguagem e da mediação se desenvolve.

As crianças com Transtorno do espectro autista o reconhecimento e a interação devem ocorrer dentro de suas possibilidades.

Segundo Papim e Sanches (2013), a criança com autismo é um ser humano que deve ser respeitado em seus limites. Assim sendo, a linguagem adentra todas as áreas de seu desenvolvimento, orientando sua percepção sobre todas as coisas e o mundo no qual está inserido.

É pela linguagem que a criança com autismo, em seu campo de atenção, aprendendo a diferenciar um determinado objeto de outros existentes, assim como construir ferramentas internas para integrar estas informações. Pela linguagem, também modificará seus processos de memória, deixando de ser engessado por uma ação mecânica de memorização, o que facilitará o desenvolvimento de uma atividade consciente que organiza o que deve ser lembrado. A linguagem proporcionará ao aluno com autismo maior qualidade em seu processo de desenvolvimento da imaginação, ação essa, em geral, tão comprometida em pessoas com a síndrome.

As crianças com Transtorno do espectro autista precisam estar dentro da escola e participarem de toda a programação que ela tem a oferecer. Para isso, o currículo precisa ser adaptado a fim de promover verdadeiramente a inclusão escolar. Essas adaptações devem ser de uma forma que a criança com Transtorno do espectro autista sinta-se estimulada a querer participar das atividades em grupo e interagir com os demais coleguinhas.

1.11- Métodos e instrumentos para a inclusão

Os métodos utilizados para trabalhar com crianças com transtorno do espectro autista em salas aulas inclusivas. Tais como: o Análise aplicada ao comportamento, o Picture exchange communication system e o Treatment and of autisticand related communication handicapped children.

a) Método de análise aplicada ao comportamento

Segundo Ropoli (2010), análise aplicada ao comportamento trata-se de um método que consiste basicamente em mudar os comportamentos inadequados por comportamentos funcionais positivos.

Isso envolve criar oportunidades para a criança aprender a praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada (Silva et al, 2012, p. 104).

Para utilizam análise aplicada ao comportamento, quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança com transtorno do espectro tende a repetir a mesma resposta. Nesse sentido, a repetição é algo importante para as crianças com transtorno do espectro autista.

b) Método de picture exchange communication system

De acordo com Silva et al, 2012, p. 104), o método PECS que utiliza a troca de figura para estabelecer a compreensão e acelerar os estímulos das crianças.

Utilizado como tratamento psicoterápico, este método, tem a função de estimular a criança através de exercícios que reprogramam comportamentos para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados, ou seja, é um tratamento voltado para estimular a criança a aprender, utilizando técnicas que a criança se sinta bem em praticá-las.

Este método varia desde actividades básicas como um simples fato de ir ao banheiro. Neste método, a criança estimulada oferece ao professor ou responsável por ela, a figura correspondente à ação desejada, facilitando assim, a comunicação entre ambas.

c) Método de treatment and of autistic and related communication handicapped children

Para Silva et al (2012, p. 153), o método TEACCH É um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas, transformando-as em” estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver.

1.12- Aspectos da sintomatologia do transtorno do espectro autista

O termo transtorno do espectro autista é utilizado para se referir a este distúrbio do desenvolvimento, no qual foi extinto o termo Transtorno Global do Desenvolvimento. E além disso, outras síndromes foram incorporadas a esta categoria, como a síndrome de Asperger. Outros transtornos que compunham o TGD, como a Síndrome de Rett, não fazem parte da categoria que corresponde ao grupo autista.

Para Papim e Sanches (2013), o Transtorno do espectro autista é considerado como uma desordem causada por uma alteração no funcionamento cerebral, é caracterizada por vários graus de deficiência, as quais são:

- ❖ Relacionamento social;
- ❖ Comunicação;
- ❖ Comportamentos repetitivos e inadequados.

Possuindo vários sintomas que podem ser entre leves até severos, dependendo do caso.

1.13- Socialização

Em relação a sintomatologia do autismo, cada sujeito pode se mostrar de forma singular, buscando saídas para suas dificuldades em relação ao mundo que o cerca. Isso reflete em muito suas acções; alguns falam muito, ao passo que outros se recusam a verbalizar.

Para Ropoli (2010), há aqueles que tapam os ouvidos com as mãos, quando sentem que o som ambiente é invasivo, outros se mostram indiferentes ao chamado das pessoas, parecendo não escutá-las. A dificuldade de socialização é considerada base da tríade de incapacidade do indivíduo com transtorno do espectro autista.

Trazendo para o mesmo dificuldade de integração ambiental, acarretando obstáculos ao desenvolvimento da autonomia, prejudicando a sua qualidade de vida.

Na opinião de Silva (2012) o autista apresenta muitas dificuldades na socialização, em diferentes níveis de gravidade. Há crianças que praticamente se isolam em um mundo fechado, muitas vezes impenetrável, são casos mais graves; já outras apresentam são mais sutis, com dificuldades muitas vezes difíceis de serem identificadas até por profissionais.

Normalmente as capacidades sociais apresentadas pelo indivíduo com Transtorno do Espectro Autista, são diferentes do desenvolvimento típico, pois ele não apresenta o mesmo tipo de interesse que os demais da mesma faixa etária, interagindo somente em sua zona de interesse.

Na visão de Papim e Sanches (2013), os alunos com transtorno do espectro autista pode ser inexpressiva ou apresentar expressões faciais inadequadas a situação; geralmente não compreende os limites pessoais, apresenta dificuldades para desenvolver o “freio” inibitório; evita contacto físico, e pode ter ataques de ansiedade e dificuldades para entender seus sentimentos e os dos outros.

Dentre várias características da pessoa com autismo, o contacto social é uma das quais sempre será prejudicada, é um detalhe tido como universal que tem que

estar presente para se realizar o diagnóstico, entretanto,, a intensidade da manifestação deste varia de pessoa para pessoa.

A falta desta habilidade social faz com que eles fiquem distantes de outras pessoas, não estabelecendo vínculos. O isolamento, que é característico da síndrome acontece pois eles não sabem e não aprenderam a interagir com outras pessoas.

Os sintomas da tríade foram explorados por alguns psiquiatras que possuíam filhos com autismo, e eles começaram a dar uma nova dimensão a compreensão desta síndrome, entendendo que a etiologia do autismo ocorreria por meio da relação afetiva, voltando-se para os aspectos orgânicos e comportamentais.

De acordo com Guareschi et al (2016), a teoria da mente, explica que por exemplo, as pessoas com autismo teriam dificuldades importantes nas capacidades de metarepresentação e metacognição, o que significa que elas teriam dificuldades de imaginar e interpretar os estados mentais de terceiros e também os próprios.

Desta forma, interagir socialmente a partir da decodificação dos sinais verbais e não-verbais seria uma tarefa quase impossível para uma pessoa com autismo.

1.14- Comunicação

Os ponto importante do Transtorno do espectro autista, é a dificuldade apresentada pela pessoa com autismo de se comunicar, tanto por meio da linguagem verbal, quanto da não verbal. Está característica contribui significativamente para o isolamento do autista. Assim como outras características, a capacidade linguística de cada indivíduo com autismo também pode variar de um para outro. Alguns conseguem se comunicar bem, ao passo que outros se comunicam muito pouco e algumas, pouco estimuladas, simplesmente não se comunicam.

De acordo com Schmidt,(2007), os principais problemas de comunicação compreendem o atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem, tais como:

- ❖ Repetir palavras e frases;
- ❖ Inverter os pronomes;
- ❖ Dar respostas deslocadas do contexto da pergunta;
- ❖ Não responder quando lhe é mostrado algo;
- ❖ Não utilizar gesto ou utilizar muito pouco;

- ❖ Apresentar fala monótona ou cantada; não compreender nuances da língua como o sarcasmo, por exemplo.

A falta de capacidade de entender os sinais da linguagem escrita, falada e a não verbal, fazem parte do autismo. Isso prejudicar a sua aprendizagem.

Na opinião de Orrú (2009), os primeiros sinais de que o desenvolvimento do aluno não está como esperado são as falhas ou problemas na evolução da linguagem, e podem sugerir um funcionamento autístico. Essas falhas deixam um prejuízo na capacidade de avaliação do que está ocorrendo ao seu redor, deixando a pessoa com poucos recursos para interpretar as situações.

Muitas coisas podem interferir na aquisição da fala no desenvolvimento da criança com Transtorno do espectro autista, mas é importante que se estimule a linguagem da criança com recursos pedagógicos adequados às suas necessidades, para que ela consiga atingir seu potencial máximo.

Para Silva (2012, p. 568), os aspectos da falta de estímulo podem afetar o desenvolvimento da linguagem dos alunos com autismo, são eles: aspectos genéticos e seu próprio ritmo de aprendizagem.

A linguagem possibilita a criança com transtorno do espectro autista maior qualidade em seu processo de desenvolvimento da imaginação, ação que é comprometida em pessoas com a síndrome. Com isso, serão também constituídas de maneira concreta e contextual as formas de pensamento que terão maior generalização em seu cotidiano, a partir de experiências nas relações sociais.

1.15- Comportamentos e interesses repetitivos

Este ponto da tríade é composto comportamentos e interesses pouco comuns. Os quais estão relacionados com acções do tipo: enfileirar objectos; manipular objectos da mesma forma; por longos períodos de tempo; interesses por partes específicas dos objectos (rodas, cores); excesso de organização, entre outros.

Na visão de Silva (2012), o portador de transtorno do espectro autista identifica o mundo em pedaços, e não como um todo. E a partir desta percepção fragmentada do mundo, pode-se compreender a característica do autista de necessidade de uniformidade e rotina; comportamentos repetitivos, como uma tentativa de entrosar-se com o ambiente, tornando - o organizado à sua maneira e previsível.

Dessa forma, torna-se necessário durante a intervenção que essas características sejam respeitadas, para que sejam evitadas alterações abruptas ou sutis que podem eliciar a perda de controle e ocasionar o início do comportamento de isolamento. (Papim e Sanches, 2013).

1.16- Desafios da inclusão escolar dos alunos com autismo e Práticas Pedagógicas

A inclusão escolar dos alunos com autismo apresenta vários desafios. O principal desafio é a formação inadequada dos professores para lidar com as especificidades do autismo.

Muitos educadores sentem despreparados para atender às necessidades destes alunos, o que pode resultar em práticas pedagógicas inadequadas.

A escola desempenha o processo de investigação diagnóstica, pois representa o primeiro ambiente de interação social para o aluno fora do ambiente familiar. É nesse contexto que deve enfrentar maiores desafios para se adaptar às normas sociais uma tarefa especialmente árdua para um indivíduo com autismo.

Na opinião de Santos (2008, p. 9), o comportamento é confundido com falta de educação e limite. Por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.

Para promover a inclusão efetiva, é necessário adaptar o currículo escolar para atender às necessidades individuais dos alunos com autismo. As adaptações podem incluir a utilização de recursos visuais, a criação de rotinas estruturadas e a implementação de estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem significativa.

O professor deve atuar como facilitador, ajudando as crianças a desenvolverem suas capacidades de escolha e decisão e assumirem responsabilidades da suas aprendizagem.

Para Silva e Brotherhood (2009, p. 327), a escola deve promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação

especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Os conhecimentos deveriam ser efetivados no processo de formação dos profissionais, principalmente dos professores que atuam no ensino fundamental.

O professor deve estar ciente que para promover aprendizagem significativa da criança com autista, é crucial mudar suas crenças e atitudes. É fundamental reconhecer que toda criança é capaz de aprender, exigindo apenas um olhar reflexivo para identificar suas habilidades individuais.

De acordo com Serra (2010), ponto fundamental para garantir a inclusão efetiva da criança com transtorno do espectro autista é o planejamento e a organização do ensino, bem como a avaliação da aprendizagem, levando em consideração suas necessidades individuais e seu nível de conhecimento.

A convivência com outras crianças é fundamental para o desenvolvimento das capacidades interativas das crianças com autismo. Participar de atividades escolares e sociais ajuda a melhorar as habilidades de comunicação e interação social, e a evitar o isolamento. As estratégias pedagógicas devem focar nas potencialidades de cada criança, ajudando-os a alcançar seu pleno potencial.

A presença e participação da família durante todo o processo de aprendizagem é fundamental.

Na visão de Santos (2009), é importante que haja uma parceria entre familiares e a escola, pois os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar bastante com o planejamento das intervenções educacionais das crianças portadoras de autismo, especialmente pela peculiaridade da forma de comunicação dos portadores dessa síndrome.

A presença e participação ativa da família ao longo do processo de aprendizagem são especialmente cruciais para as crianças com transtorno do espectro autista. A família desempenha um papel vital como apoio emocional, educacional e social para a criança com transtorno do espectro autista, oferecendo um ambiente de compreensão, aceitação e estímulo.

Para a criança com transtorno do espectro autista, a família muitas vezes atua como ponte entre a escola e o ambiente doméstico, garantindo que as necessidades específicas da criança sejam compreendidas e atendidas de forma adequada.

A família colabora com os educadores para desenvolver planos de ensino individualizados, compartilhar estratégias que funcionam em casa e fornecer insights sobre as preferências e desafios da criança.

1.17- Promovendo a inclusão de crianças em sala de aula

A continuidade na implementação de práticas diferenciadas é fundamental para o êxito na formação das crianças com autismo. A interação constante entre professores com as crianças e com as famílias é crucial para estabelecer práticas adequadas e garantir uma educação personalizada.

Para Connor (2018), os professores, frequentemente implementam, novas práticas de ensino e adaptações que beneficiam todas as crianças. Ao integrar as crianças com autismo em ambientes inclusivos, a criação de planos de apoio das crianças com autismo.

Na opinião de Accardo et al (2019), a diversificação curricular para as crianças com autismo resulta em atitudes mais positivas em relação ao professor e à experiência inclusiva na sala de aula. As crianças com autismo destacam a importância do tempo para tarefas, acesso a locais tranquilos para avaliações, feedback prévio e o uso de tecnologia para melhorar a aprendizagem.

Receber o individualismos de cada crianças é um facto crucial para o sucesso e engajamento das crianças com autismo. Os educadores já têm implementado várias formas de diferenciação personalizada, essas práticas beneficiam todas crianças.

Antes da integração das crianças com autismo em sala de aula inclusiva, é altamente recomendável que o professor, a equipe de apoio, os pais e a criança participem de reuniões colaborativas. O estabelecimento de relacionamento positivo entre professor e as crianças é fundamental para o sucesso educacional, sendo essencial que o educador compreenda as necessidades específicas da criança. Para (Rudy, 2020).

CAPITULO II METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo apresentaremos os materiais e métodos de investigação aplicada no desenvolvimento desta investigação, com a revisão crítica e contribuições dos aspectos que fundamentam “o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no lectivo ano 2023/2024”.

Todavia, para a concretização desta pesquisa utilizaremos um conjunto de métodos de nível teórico, empíricos e Matemático.

2.1- Tipo de Pesquisa

Para elaboração desta pesquisa usamos a pesquisa **Descritiva**, por **levantamento de dados**, esta via de pesquisa, tinha como objectivo a colectar informações quantitativas e qualitativas do assunto específico.

Para (Zassala 2017, p. 42). A pesquisa **descritiva** é a investigação que procura determinar a natureza e grau de condições existentes, com a possibilidade de colectar dados de uma ou mais, de uma amostra como também trabalhar com várias variáveis sem intuito de estabelecer relação.

2.2- Modelo de abordagem

De acordo com abordagem, tratou-se de abordagem Quali-quantitativa, através da pesquisa descritiva.

Pesquisa Quali-quantitativa

Na perspectiva de Nkuansambu (2018, p. 73). “entende que este tipo de abordagem usa tanto os métodos quantitativos quanto qualitativos, esta categoria de pesquisa possibilita um cruzamento muito maior dos dados e o peso da pesquisa”.

Escolhemos este modelo de abordagem na intenção de apresentar uma pesquisa Subjetiva que envolve descrição de dados, análise documental com opiniões diversas e o estudo de campo, de forma entender os fenômenos do grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas. E por outra, através da quantificação dos resultados e os objectivos palpáveis tendo em conta a população e amostra que envolve a pesquisa.

2.3- Nível de estruturação de Métodos

a) Nível Teóricos

Análise e Síntese Estes dois procedimentos teóricos desempenham funções importantes na investigação científica. A análise é um procedimento teórico mediante o qual todo complexo se decompõe nas suas diversas partes e qualidades, já a síntese estabelece mentalmente a união entre as partes previamente analisadas e possibilita a descoberta das relações essenciais e características gerais entre elas. (Ramos & Naranjos, 2013).

Hipotético – Dedutivo, fazendo o uso deste método, um investigador propõe uma hipótese como consequência das suas inferências do conjunto de dados empíricos ou de princípios ou leis que partem do geral e, a seguir, desce a o particular, Ramos (2014, p. 115).

Histórico, neste método, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; “As instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”. Lakatos e Marconi (2008, p. 107).

b) Nível Empírico

Bibliográfico: “visa a busca de informações bibliográficas, permitindo navegar nos pensamentos dos mais variados autores”. Para Marconi & Lakatos (2008, p. 47). Com este tema será possível consultar diversas escrituras que fundamentam. O Sistema de gestão de informação para o crescimento das empresas. Como (Livros, Site, revistas etc.).

b) Nível Estatístico

Conforme afirma o Gil (2008, p. 17), “este método se fundamenta na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais”.

Devemos considerar, no entanto, que as explicações obtidas mediante a utilização do método estatístico não devem ser consideradas absolutamente verdadeiras, mas portadoras de boa probabilidade de serem verdadeiras.

Este método nos permitiu clarificar as probabilidades estatísticas da população e amostra que constituíram o “tema em estudo”.

2.4- Técnica de recolha de dados

Tendo em conta os objectivos a alcançar começaremos por ter várias obras ligadas ao nosso tema, para o efeito utilizaremos às seguintes técnicas e instrumentos:

❖ Técnica

A técnica de recolha de dados foi feita através do **Questionário** e **entrevistas** estas técnicas nos permitirão a recolha máxima de informações de forma clara e precisa sobre “o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas”.

Segundo Cervo e Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

2.5- Instrumento de Pesquisa

Para Prodanov & Freitas (2013, p. 80), instrumentos são os meios materiais, instrumentos aparelhos, técnicas, registos, escalas, filhas e outros formatos que o pesquisador utiliza para coletar os dados da pesquisa sendo assim, escolhemos: o questionário, o guião de entrevista e a grelha de observação.

a) Questionário

De acordo com Gil (2008), questionário “conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos presente ou passado”.

Este instrumento ajudou na compreensão do problema usando uma série de perguntas semi-estruturadas e fechadas e abertas dirigidas aos membros da escola nº 4016 envolvido na pesquisa

b) Guião de entrevista

Para Ramos e Naranjos (2013), guião de entrevista é constituído por um conjunto (ordenado ou não) de questões abertas (respostas livres), semiabertas (parte das respostas, fechadas e outras livres). É uma técnica de compilação de informação mediante a uma conversa profissional com que adquire informação acerca do que se investiga,

Este instrumento serviu para a compreensão do problema que nos propomos investigar, usando perguntas semi-estruturadas dirigidas ao Director, Subdirector Pedagógico, professores, alunos e Pais e encarregado de educação.

c) Grelha de observação

Para Júnior (2015, p. 43), a grelha de observação “é um instrumento que permite verificar pessoalmente e directamente um fenómeno que se deseja estudar através de uma observação de como os sujeitos e as variáveis controladas se comportam durante um determinado espaço de tempo”.

A grelha de observação que utilizamos serviu-nos de base para comprovar se na realidade o que os entrevistados nos disseram vai de encanta com o que constatamos na realidade no campo.

2.6- Caracterizações do campo de estudo

O Complexo Escolar Comandante – Kussuma nº 4016, localiza – se no Centro de apoio aos Deficientes Físicos do Comando do Exército – CADF/CE, (ponto-3) nas mediações entre bairro Mulundo e a 101ª Brigada Tangués no Distrito Urbana do Sequele, Município do Cacuaco.

A instituição funciona com dois turnos, isto é manhã e tarde, tendo assim vinte e uma (21) salas de aula, três (3) gabinetes, um (01) secretario, um (01) sala de professores, catorze (14) WC, dois quais três (03) para professores e três (03) para professoras, quatro (04) para rapazes e outros quatro (04) para raparigas, três (03) tanques de água.

O Complexo Escolar Comandante – Kussuma nº 4016 este ano lectivo está contar 50 funcionários dos quais um (01) Director, um (01) Subdirector Pedagógico, um (01) Subdirector Administrativo, um (01) Chefe de Secretaria, dois (02) Coordenadores de turnos, Manhã e Tarde, seis (06) Coordenadores de classes, doze (12) Coordenadores de disciplina.

2.7- Procedimentos para a recolha de dados

Os nossos dados serão recolhidos através das respostas dos **questionários e entrevistas** obtidos por meio dos membros da direcção da escola, professores, pais e encarregados de educação e alunos da referida escola, apresentados em Tabelas e Gráficos configurados a partir do Microsoft Excel e Word, para melhor esclarecimento. No que tange as citações, normas e referências bibliográficas

utilizaremos a Norma APA (Associação dos Psicólogos Americanos). Em conformidade com regulamento Interno do ISA.

2.8- População e Amostra

Segundo Oliveira (2011, p. 77), a população é um conjunto de indivíduos que ocupam um determinado espaço geográfico. A população da nossa investigação será constituída de 120

Para Oliveira (2011, p. 24), "amostra" é um subconjunto representativo da população em estudo. Essa representatividade da amostra ocorre quando ela apresenta as mesmas características gerais da população da qual foi extraída. A nossa Amostra será composta por 30 elementos.

Tabela nº 1. Descrição da população e amostra

Nº	Intervenientes	População	Amostra	Percentagem %
01	Membro da direcção de escola	3	2	7%
02	Professores	30	10	33%
	Pais e encarregado de educação	40	18	60%
03	Total	73	30	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

2.9- Caracterização dos interlocutores

Director escolar

O director escolar se refere – se a um profissional responsável pela liderança que exerce um dos mais importantes papéis dentro de uma instituição de ensino. É através deste bom líder que podemos notar a organização e administração do ambiente. A principal responsabilidade de um director é garantir a qualidade de ensino e organização da instituição. Formado em ciência de Educação, e tem o grau académico de licenciado. Com experiência profissional de 15 anos como Director.

Subdirector

O Subdirector Pedagógico é o responsável pela orientação todas as actividades pedagógicas. Tem a função de acompanhar, coordenação e supervisionar as

actividades do processo de ensino aprendizagem decorrente duma actividade de formação. É licenciado. Com a experiência profissional de 8 Anos como Subdirector.

Professor

O termo professor se refere a toda pessoa que se dedica a transmissão de conhecimento a um determinado grupo de pessoa.

Da amostra extraída oito professores do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades compreendidas entre 26 à 43 anos. Quanto à formação académica quatro são técnicos médios e seis são licenciados.

Pais e encarregados de educação

O encarregado de educação aquela pessoa, que colectivo educadores que exercem a função de educador de menor que acompanha a sua educação. Na perspectiva educativa encarregado de educação deve ser entendido como aquele que responde directamente pela actividade do seu educando. Dos pais e encarregados de educação entrevistados dez são do sexo masculino e oito são do sexo feminino. As idades variam de 30 a 45 anos de idade. Quanto as habilitações literárias todos são técnicos médios em várias áreas do saber.

2.10- Dificuldades encontradas

No momento da nossa pesquisa nos deparamos com algumas situações que dificultaram a nossa investigação as principais são:

- ❖ Limitação na selecção da bibliografia adequada para o tema;
- ❖ Pouca experiência por nossa parte na elaboração do trabalho do fim do curso;
- ❖ Distância da Instituição de ensino (ISA) e a escola onde se realizou a pesquisa;
- ❖ Indisponibilidade dos participantes da pesquisa.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1- Leitura e apresentação da entrevista dirigida aos membros de direcção

Este capítulo apresenta os dados da pesquisa e o reflexo sobre os resultados obtidos nas entrevistas que realizado e que permitiu-nos tirar as conclusões. Foram elaboradas três guiões de entrevistas, dirigidos aos membros da direcção de escola, aos professores e pais e encarregados de educação com o intuito de analisar o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacucaco, no lectivo ano 2023/2024. A recolha de dados foi feita com base Questionário que esteve composto por 09 Questões.

Questão nº 1 - Como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacucaco no ano lectivo 2023/2024?

Na opinião do Director, para como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola é criar uma relação de confiança com as crianças, e ensina – las o uso de objectiva, tirar os aproveitamentos das habilidades e dos principais interesses das crianças.

De acordo com Subdirector Pedagógico, para como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola juntarem as crianças sem separar ninguém ou ensinar as crianças a conviver juntos usando estratégias pedagógicas que incentiva as crianças.

Na perspectiva do Director e Subdirector Pedagógico para se promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas é aproveitar as habilidades das crianças e juntar as crianças sem separar ninguém.

Questão nº 2 - De que forma a direcção da escola nº 4016 tem criado estrategias para adaptar os professores em salas de aulas inclusivas?

De acordo com Director, disse que escola para adaptar os professores em salas de aulas inclusivas é necessários seminários para os professores de como vão lidar com as crianças atendendo a realidade da escola.

Segundo a resposta do Subdirector Pedagógico, informou que escola realiza seminário de como trabalharemos ou ensinar as crianças em sala de aula inclusiva.

Para o Director e Director Pedagógico, sobre a questão de que forma a direcção da escola nº 4016 tem criado estratégias para adaptar os professores em salas de aulas inclusivas, nesta questão o director e o director pedagógico informaram que a direcção tem realizado seminário para os professores e a comunidade.

Questão nº 3 - O que entendes por autismo?

Para Director, autismo é um transtorno no desenvolvimento do cérebro da criança que afecta a capacidade de relacionamento com as pessoas.

Na visão do Subdirector Pedagógico, O autismo é uma deficiência no desenvolvimento que se manifesta de uma forma grave e durante toda a vida.

De acordo com as respostas dos interlocutores entende – se que têm um domínio do tema embora com diferentes conceitos. Para eles o autismo é uma incapacidade que nasce com o ser humano

Leitura e Apresentação da entrevista dirigida aos Professores da escola em estudo

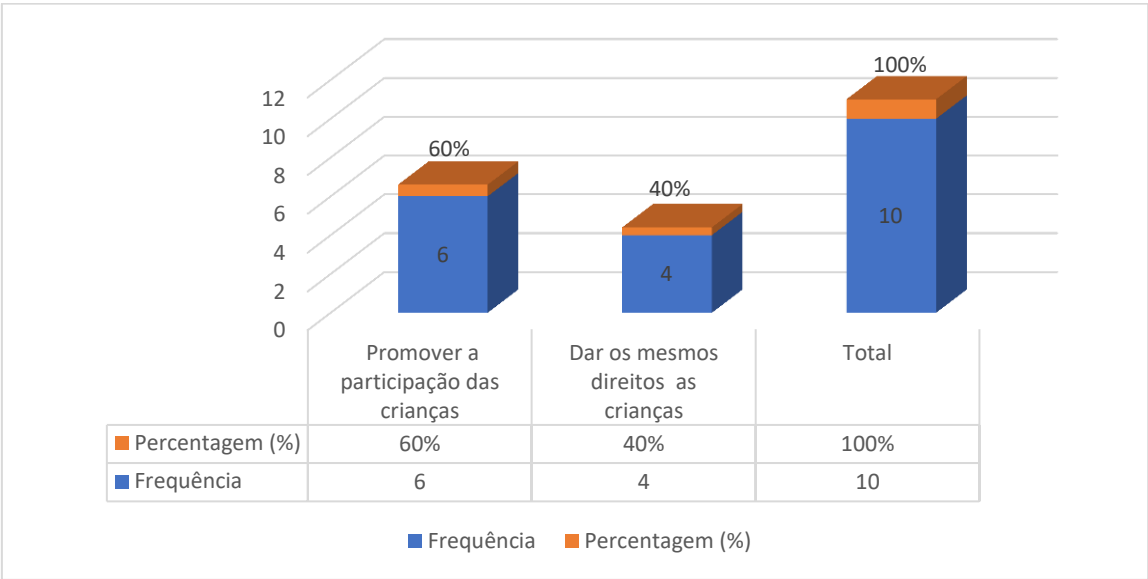
Para si, o que é o grau de inclusão de crianças autista?

Tabela nº 2: O grau de inclusão de crianças autista

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
Promover a participação das crianças	6	60%
Dar os mesmos direitos às crianças	4	40%
Total	10	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 1



Fonte: Elaboração própria (2024).

De acordo com o nosso gráfico, dez (10) os professores; seis (6) dos professores inqueridos sobre a questão o que é o grau de inclusão de crianças autista, informaram que promover a participação das crianças, sobre o grau de inclusão de crianças autista, o que corresponde a 60%; ao passo que quatro (4) dos professores disseram que dar os mesmos direitos as crianças, o que representa a 40%, afirmando que o grau de inclusão de crianças autista é necessário a formação dos professores para atender todas as particular de cada crianças autistas.

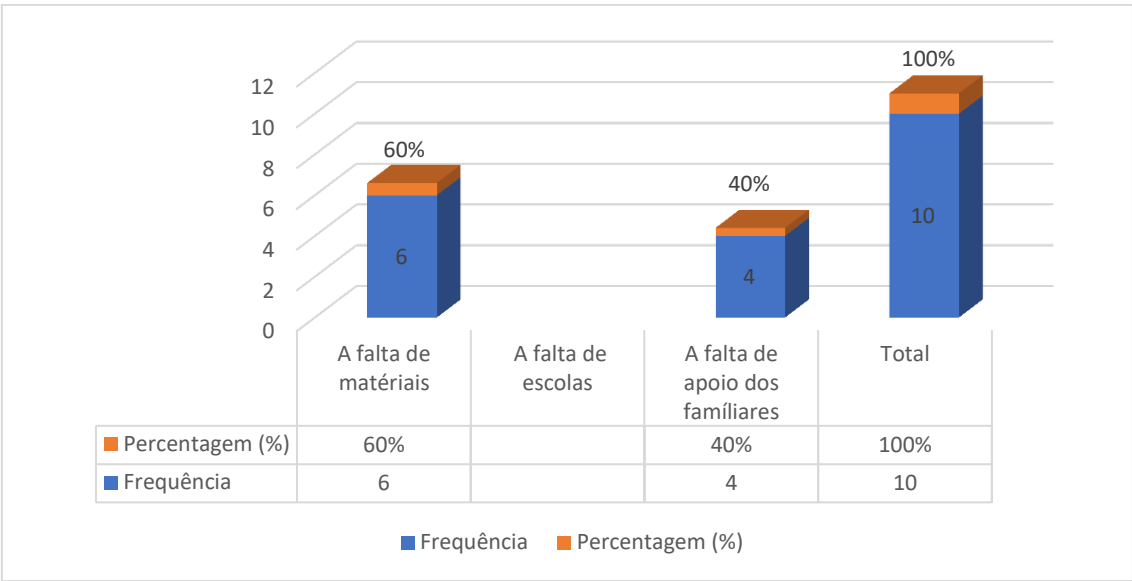
Quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar?

Tabela nº 3: As dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
A falta de materiais	6	60%
A falta de escolas		
A falta de apoio dos familiares	4	40%
Total	10	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 2



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em função do nosso gráfico podemos observar que dos dez (10) professores inqueridos sobre a questão quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar, seis (6) dizem que a falta de materiais o que corresponde 60%, e quatro (4) disseram a falta de apoio dos familiares, o que representa 40% a falta de apoio dos familiares, tem sido dificultado as actividades escolar dos professores.

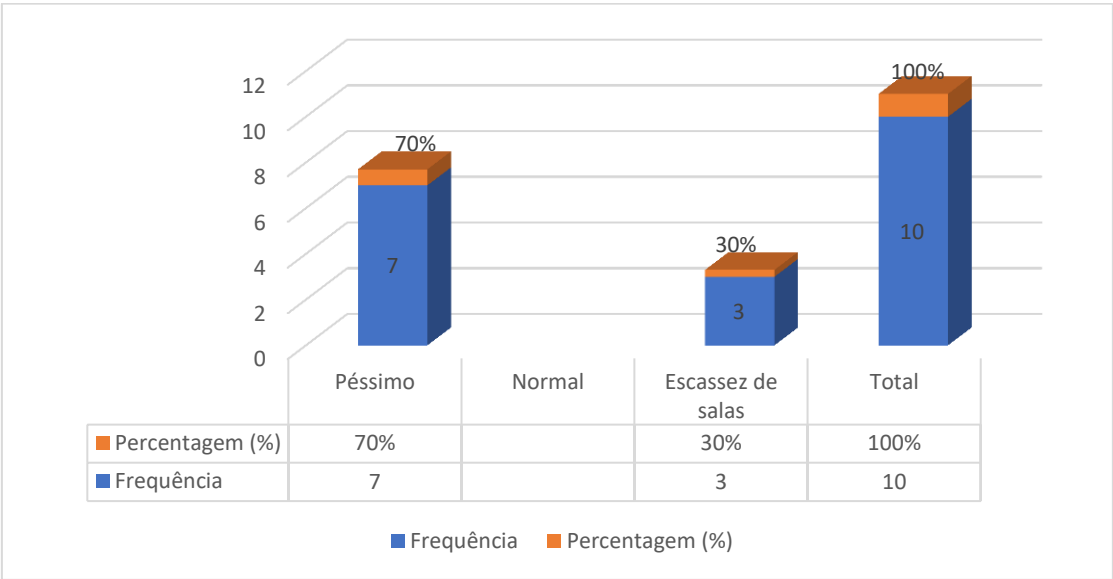
Como tem sido aprendizagem das crianças austistas no complexo escolar nº 4016?

Tabela nº 4: Aprendizagem das crianças austistas no complexo escolar nº 4016

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
Péssimo	7	70%
Normal		
Escassez de salas	3	30%
Total	10	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 3



Fonte: Elaboração própria (2024).

Dos dez (10) professores inqueridos, sete (7) informaram que péssimas condições, sobre a aprendizagem das crianças autistas no complexo escolar nº 4016, o que representa 70%. Enquanto que três (3) responderam que a escassez de salas, o que corresponde a 30%, o complexo escolar nº 4016 a escassez de infraestrutura equipado para aprendizagem das crianças autistas.

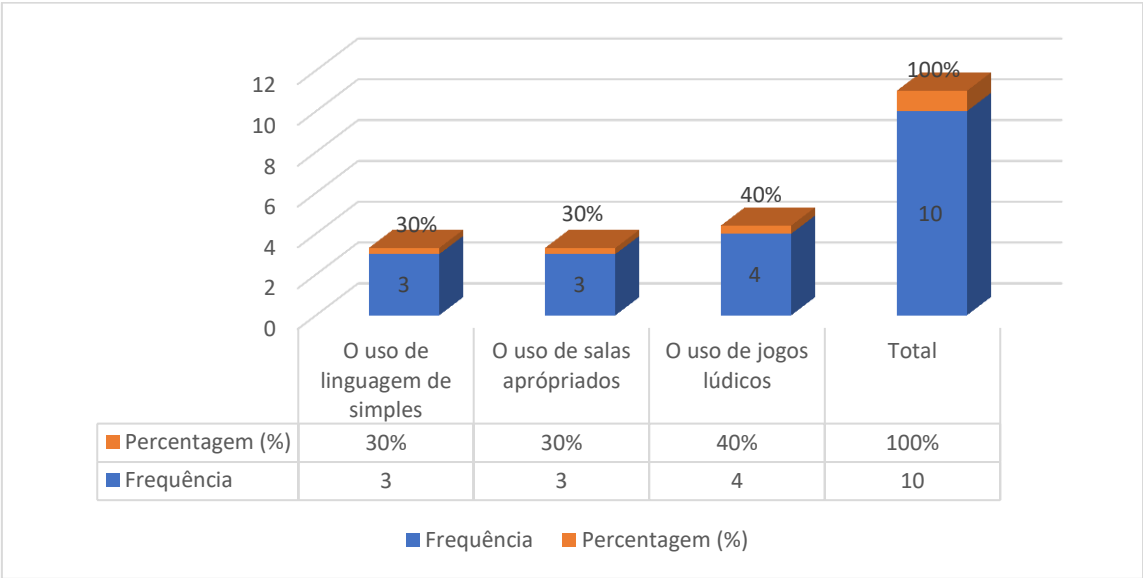
Quais são as estratégias que ajudam na inclusão das crianças com autismo?

Tabela nº 5: As estratégias que ajudam na inclusão das crianças com autismo

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
O uso de linguagem de simples	3	30%
O uso de salas apropriadas	3	30%
O uso de jogos lúdicos	4	40%
Total	10	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 4



Fonte: Elaboração própria (2024).

Segundo o nosso gráfico, dos dez (10) professores inqueridos sobre a questão quais são as estratégias que ajudam na inclusão das crianças com autismo três (3) informaram que o uso de linguagem de simples, o que representa 30%, ao passo que três (3) dizem que o uso de salas apropriadas, o que corresponde 30% e quanto que quatro (4) disseram que o uso de jogos lúdicos, o que corresponde 40%, percebe – se que o uso estratégia boa para desenvolver diversas actividades com as crianças com autismo tem facilitado aprendizagem das crianças com autismo em salas inclusivas.

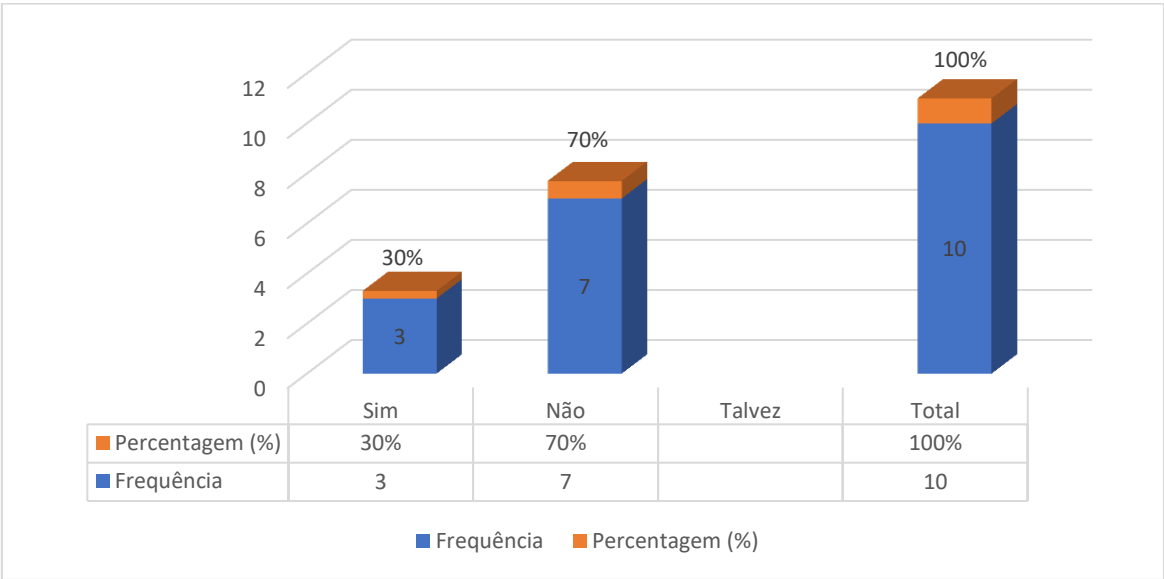
Será que adaptação dos professores ajuda na aprendizagem inclusão das crianças autistas em salas de aulas inclusivas?

Tabela nº 6: Adaptação dos professores na aprendizagem inclusão das crianças autistas em salas de aulas inclusivas

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
Sim	3	30%
Não	7	70%
Talvez		
Total	10	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 5



Fonte: Elaboração própria (2024).

Com base as questões sobre adaptação dos professores ajudam na aprendizagem inclusão de crianças autistas em salas de aulas inclusivas 30% responderam sim, ao passo que 70% disseram não. Com as respostas dos interlocutores, percebemos que a adaptação dos professores tem dificultado aprendizagem das acrianças.

Resultado dos inquéritos dirigido aos Pais e encarregados de educação

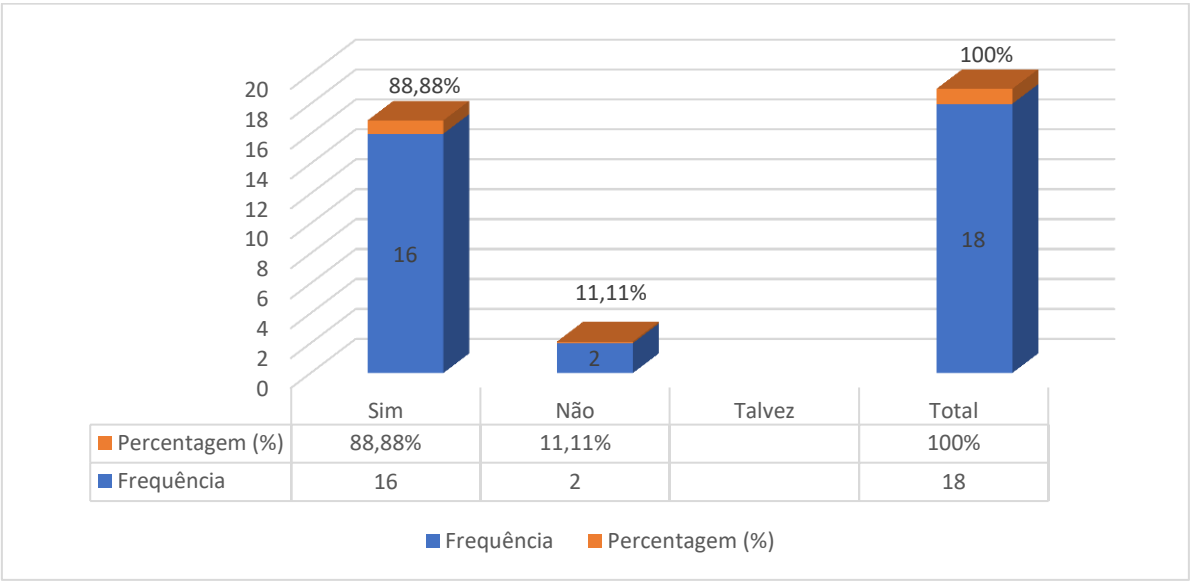
Será que as estratégias usadas pelos professores têm ajudado as crianças autistas em salas de aulas de aula inclusiva?

Tabela nº 7: As estratégias usadas pelos professores têm ajudado as crianças autistas em salas de aula inclusiva

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
Sim	16	88,88%
Não	2	11,11%
Talvez		
Total	18	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 6



Fonte: Elaboração própria (2024).

De acordo com o nosso gráfico podemos observar que dos dezoito (18) pais e encarregados de educação inqueridos, dezesseis (16) responderam que sim, as estratégias usadas pelos professores têm ajudada as crianças autistas em salas de aula inclusiva, que corresponde a 88,88%. Ao passo que dois (2) disseram que não, o que corresponde a 11,11%.

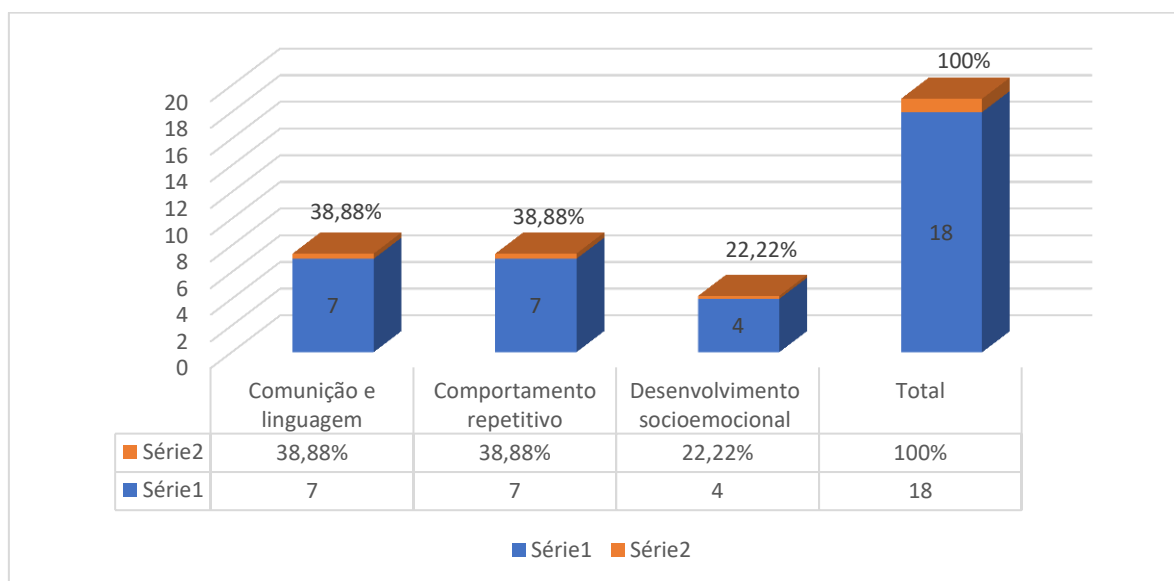
Quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar?

Tabela nº 8: As dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar

Respostas	Frequência	Percentagem (%)
Comunicação e linguagem	7	38,88%
Comportamento repetitivo	7	38,88%
Desenvolvimento socioemocional	4	22,22%
Total	18	100%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico nº 7



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em função do nosso gráfico das dificuldades de inclusão das crianças autistas no ambiente escolar, 38,88% disseram problema de comunicação e linguagem, ao passo que, 38,88% responderam comportamento repetitivo e 22,22% responderam desenvolvimento socioemocional, existem muitas dificuldades na inclusão das crianças no ambiente escolar.

3.2-Discussão dos Resultados

Ao longo da pesquisa analisou-se as teorias mais referenciadas da literatura sobre o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola.

De acordo com o nosso gráfico, dez (10) os professores; seis (6) dos professores inqueridos sobre a questão o que é o grau de inclusão de crianças autista, informaram que promover a participação das crianças, sobre o grau de inclusão de crianças autista, o que corresponde a 60%; ao passo que quatro (4) dos professores disseram que dar os mesmos direitos às crianças, o que representa a 40%, afirmando que o grau de inclusão de crianças autista é necessário a formação dos professores para atender todas as particularidades de todas as crianças autistas.

Em função do nosso gráfico podemos observar que dos dez (10) professores inqueridos sobre a questão quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar, seis (6) dizem que a falta de

materiais o que corresponde 60%, e quatro (4) disseram a falta de apoio dos familiares, o que representa 40% a falta de apoio dos familiares, tem sido dificultado as actividades escolar dos professores.

Dos dez (10) professores inqueridos, sete (7) informaram que péssimas condições, sobre a aprendizagem das crianças autistas no complexo escolar nº 4016, o que representa 70%. Enquanto que três (3) responderam que a escassez de salas, o que corresponde a 30%, o complexo escolar nº 4016 a escassez de infraestrutura equipado para aprendizagem das crianças autistas.

Segundo o nosso gráfico, dos dez (10) professores inqueridos sobre a questão quais são as estratégias que ajudam na inclusão das crianças com autismo três (3) informaram que o uso de linguagem de simples, o que representa 30%, ao passo que três (3) dizem que o uso de salas apropriadas, o que corresponde 30% e quanto que quatro (4) disseram que o uso de jogos lúdicos, o que corresponde 40%, percebe – se que o uso estratégia boa para desenvolver diversas actividades com as crianças com autismo tem facilitado aprendizagem das crianças com autismo em salas inclusivas.

Com base a questão sobre adaptação dos professores ajuda na aprendizagem inclusão de crianças autistas em salas de aulas inclusivas 30% responderam sim, ao passo que 70% disseram não. Com as respostas dos interlocutores, percebemos que a adaptação dos professores tem dificultado aprendizagem das acrianças.

De acordo com o nosso gráfico podemos observar que dos dezoito (18) pais e encarregados de educação inqueridos, dezesseis (16) responderam que sim, as estratégias usadas pelos professores têm ajudada as crianças autistas em salas de aula inclusiva, que corresponde a 89%. Ao passo que dois (2) disseram que não, o que corresponde a 11%.

Em função do nosso gráfico das dificuldades de inclusão das crianças autistas no ambiente escolar, 38,88% disseram problema de comunicação e linguagem, ao passo que, 38,88% responderam comportamento repetitivo e 22,22% responderam desenvolvimento socioemocional, existem muitas dificuldades na inclusão das crianças no ambiente escolar.

CONCLUSÕES

Após a análise e interpretação dos resultados da pesquisa concluiu-se o seguinte:

A partir da pesquisas realizado, percebe - se que para haver o acesso a educação para “todos”, é necessário comprometimento por parte das crianças, professores, pais e encarregado de educação, ou seja, todos que participem da vida escolar das crianças com autismo.

Além do envolvimento da escola e comunidade é necessário que a escola deve possuir condições necessárias e adequadas a sua disposição para atender as necessidades e garantir o acesso e permanência das crianças. É preciso que os professores tenha olhar atento às necessidades de cada criança, foque em suas potencialidades e não em suas dificuldades.

Outro factor importante para a educação do autista é o currículo. Este deve levar a autonomia do sujeito, tornando-o capaz de desenvolver actividades do cotidiano, que atue no desenvolvimento da autonomia da criança autista.

SUGESTÕES

Com base nas conclusões, apresentamos as seguintes sugestões:

Que a direcção crie políticas de inclusão de alunos autistas no referido complexo.

Que os professores procurem se capacitar para poderem atender as necessidades das crianças com autismo, visto que elas merecem serem formadas para se enquadrarem na sociedade.

Explorar o uso de recursos tecnológicos, como aplicativos e softwares educacionais adaptativos, que apoia aprendizagem das crianças autistas.

Incentivar a participação activa dos pais no processo educacional, promovendo reuniões regulares para partilhar o progresso, desafios e estratégias.

Que o projecto educativo e o regulamento da escola que esteja de acordo com a realidade das crianças.

Realizar eventos educativos, que promovam a empatia e o respeito à diversidade desde as séries iniciais e a importância da inclusão da criança autista.

Promover a colaboração, com os profissionais de saúde na implementação de estratégias personalizadas para os alunos autistas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Accardo, A. L.; Kuder, S. J.; Woodruff, J. (2018). *Acomodações e serviços de apoio preferidos por estudantes universitários com transtorno do espectro autista*.

Araújo, M. (2014). Brincando com a criança autista na sala de aula.

Azevedo, M. Q. O.; Nunes, D. R. P. e Schmidt, C. (2013). Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil. *Revista Educação Especial*.

Bahia, (2010). *Dialogic inquiry: towards a sociocultural practice and theory of education*. Cambridge: Cambridge University Press.

Belisário, F &, José, F. (2010). *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza.

Boral, E.R. (2007). Autismo: Suas questões teóricas à prática, Dissertação de

Bosch, K. (2007). *Aprendizagem do aluno adulto: implicações para a prática docente* 2ª Edição. Editora Atlas.

Brito, R. M. T. (2013). *Quando a inclusão acontece: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia*. João Pessoa: UFPB.

Camargo, S. P. H.; Bosa, C. A. (2009). *Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura*. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre.

Carlos, R. S. (2016). *Conflito de paradigma educacional*. 5ª Edição. Editora Cortez.

Cervo, A. L. Bervian, P. A. (2002) *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall.

CONNOR, D.J. (2018). *"Sente-se no meu lugar": perspectivas de alunos com deficiências de aprendizagem sobre a eficácia do professor em salas de aula inclusivas do ensino médio*. International Journal of Inclusive Education.

Costa, F. F. (2012). *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, RS: ANPED.

Cunha, E. (2014). *Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticos e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais

Felberg, M. (2014). *Repercussões da Desnutrição sobre o Organismo da Criança*. 4ª ed. São Carlos. Scielo.

Ferreira (2010). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fumegalli, R. C. A (2012). *Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos* Ijuí – RS.

Gil, C. A. (2008). *Gestão De Pessoas: Enfoque Nos Papéis Profissionais*. São Paulo: Atlas.

Guareschi, T.; Alves, M. D.; Naujorks, M. I. (2016). *Autismo e políticas públicas de inclusão no Brasil*. Journal of Research in Special Educational Needs.

Júnior, J. M. (2015). *Como escrever trabalhos de conclusão de curso*. 9ª Ed, Rio de Janeiro. Vozes.

Khoury, L. P. (2014). *Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar*.

Lemos E. L .M. D (2014). *Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre*

Lemos et al (2014). *Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar*. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília.

Maciel, D. A; e Raposo, M. B. T. (2019). *Metodologia de construção de conhecimento e contribuições para o estudo da inclusão*. In: *Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar*.

Marconi & Lakatos, (2008). *Metodologia De Investigação*. 2ª Ed. Atlas. São Paulo.

Mehan, H. (2012). **Learning lessons**: social organization in the classroom. Cambridge: Havard University Press.

Melo, A. M. S. R. (2019). *Autismo: guia prático*. 6º ed. São Paulo: ama, Brasília.

Mieto, G. (2015). *O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural*. In: *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília.

Mortimer, E. F. & Scott, P. H. (2003). *Meaning making in secondary science classrooms*. Maidenhead: Open University Press.

Nascimento, L.M. (2007). *Educação especial*. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: Asselvi.

Nkuansambu, A. (2018). *Metodologia De Investigação Científica*. 3ª Edição. Editora: Aformac.

Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia Científica: Universidade Federal De Goiás*, 13 Ed. Bras.

Organização mundial da saúde (2010). *A desnutrição com maiores índices no Brasil*.

Orrú, S. E. (2012). *Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar*. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak.

Papim, A. A. P.; Sanches, K. G. (2013). *Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades das crianças com autismo e atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo*.

Pessoa, N. L. (2012). *Pessoa com autismo, apresentação oral em mesa redonda*. I Congresso Norte-Rio-Grandense sobre Inclusão no Ensino Superior.

Prodanov & Freitas (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e trabalho academico*, 2ª edição, Universidade Feevale, Novo Hamburgo.

Quissua A., (2019). *Introdução À Metodologia De Investigação Científica*. Editora: Carlos Francisco, 1ª Ed. Luanda.

Quissua, A. (2019) *Introdução À Metodologia De Investigação Científica*. Editora: Carlos Francisco, 1ª Ed. Luanda.

Ramos, C. T. S. (2014). *Metodologia De Investigação*. Ed. Altas-Editora, Portugal.

Ramos, C. T. S; Naranjo, S. E. (2013). *Metodologia De Investigação Científica*. Escolar Editora- Angola.

Ropoli, E. (2010). *Aparecida. a Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoli et.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará*.

Rudy, L. J. (2020). *A inclusão escolar é adequada para seu filho autista e a inclusão não é para todos*.

Santos, A. M. T. (2008). *Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA.

Santos, A. M. T. (2009). *Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA.

Secretaria da Educação. *Para ler e escrever: orientações para o alfabetizador*. Salvador.

Serra, D. (2010). *A inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria*. Revista de Psicologia, Fortaleza.

SILVA, A. B. B. (2012). *Mundo singular: entenda o autismo*. Rio de Janeiro: Objectiva.

Silva, F. R. B e Babosa, E. S. C. (2015). *Educação especial: da prática pedagógica à perspectiva da inclusão*. Educação por escrito, Porto Alegre.

Silva, M. C. B. L e Brotherhood, R. M. (2009). *Autismo e inclusão: da teoria à prática*. V ECPP, Maringá.

Silva. A. B. B. (2012). *Mundo Singular - Entenda o Autismo*, Rio de Janeiro. ED. Fontanar.

Silvina, G (2017). *Pedagogia moderno* 7ª Edição. São Paulo. Editora Atlas.

Uchôa, Y. F. (2015). *A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva*. (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.

UNESCO (2004). *Proposta de Diretrizes para Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo*.

UNESCO (2008). *Conclusions and Recommendations of the session of the International Conference on Education*. Geneva.

Zaidan, S. (2013). *Sobre conceito de prática pedagógica e o professor de matemática*. Paideia revista do curso de pedagogia da Universidade Fumec, Belo Horizonte.

Zassala, C. (2017). *Iniciação A Pesquisa Científica*. 3ª Edição, Editora-Arlindo Isabel, Luanda.

APÊNDICES

Entrevista dirigida aos membros de direcção

Para fins exclusivamente académicos, foi realizado um estudo sobre “**Grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco - I semestre do ano lectivo 2023/2024**”.

Agradecemos desde já atenção dos estimados membros da direcção escolar, professores e Pais e encarregados de educação por auxiliar – nos no êxito desta pesquisa e prometemos sigilo nas suas respostas.

Sexo

Idade

- Feminino ☐ _____ anos de idade
- Masculino ☐ _____ anos de idade
- Nível académico.....Especialidade.....
- Tempo de serviço na educação anos.
- Tempo de serviço no II ciclo anos.

Questões aplicar na entrevista aos membros de direcção

Como promover o grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco no ano lectivo 2023/2024?

De que forma a direcção da escola nº 4016 tem criado estratégias para adaptar os professores em salas de aulas inclusivas?

O que entendes por austimo?

Entrevista dirigida aos Professores da escola em estudo

Para fins exclusivamente académicos, foi realizado um estudo sobre “**Grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco – I semestre do ano lectivo 2023/2024**”.

Agradecemos desde já atenção dos estimados membros da direcção escolar, professores e Pais e encarregados de educação por auxiliar – nos no êxito desta pesquisa e prometemos sigilo nas suas respostas.

Sexo

Idade

- Feminino ☐ _____ anos de idade
- Masculino ☐ _____ anos de idade
- Nível académico.....Especialidade.....
- Tempo de serviço na educação anos.
- Tempo de serviço no II ciclo anos.

Questões aplicar na entrevista aos Professores da escola em estudo

Para si, o que é o grau de inclusão de crianças autista?

Respostas	A sinal com x
Promover a participação das crianças	
Dar os mesmos direitos as crianças	

Quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar?

Respostas	A sinal com x
A falta de materiais	
A falta de escolas	
A falta de apoio dos familiares	

Como tem sido aprendizagem das crianças autistas no complexo escolar nº 4016?

Respostas	A sinal com x
Péssimo	
Normal	
Escassez de salas	

Quais são as estratégias que ajudam na inclusão das crianças com autismo?

Respostas	A sinal com x
O uso de linguagem de simples	
O uso de salas apropriados	
O uso de jogos lúdicos	

Será que adaptação dos professores ajuda na aprendizagem inclusão das crianças autistas em salas de aulas inclusivas?

Respostas	A sinal com x
Sim	
Não	
Talvez	

Resultado dos inquéritos dirigido aos Pais e encarregados de educação

Para fins exclusivamente académicos, foi realizado um estudo sobre “**Grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuaco - I semestre do ano lectivo 2023/2024**”.

Agradecemos desde já atenção dos estimados membros da direcção escolar, professores e Pais e encarregados de educação por auxiliar – nos no êxito desta pesquisa e prometemos sigilo nas suas respostas.

Sexo

Idade

- Feminino ☐ _____ anos de idade
- Masculino ☐ _____ anos de idade
- Nível académico.....Especialidade.....
- Tempo de serviço na educação anos.
- Tempo de serviço no II ciclo anos.

Questões aplicar na entrevista aos Pais e encarregados de educação

Será que as estratégias usadas pelos professores têm ajudado as crianças autistas em salas de aulas de aula inclusiva?

Respostas	A sinal com x
Sim	
Não	
Talvez	

Quais são as dificuldades que as crianças autistas encontram para a sua inclusão no ambiente escolar?

Respostas	A sinal com x
Comunicação e linguagem	
Comportamento repetitivo	
Desenvolvimento socioemocional	

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Nome da escola: Escola nº 4016 do Município do Cacuo

Participantes do estudo: Director de escola, Subdirector pedagógico, Professores, Pais e encarregados de Educação

Observa-se os indicadores do “Grau de inclusão de crianças autistas em salas de aulas na escola nº 4016 Cacuo - I semestre do ano lectivo 2023/2024”.

Aspectos a Observar	Indicadores			
	Mau	Suficiente	Bom	Excelente
Comportamentos dos alunos autistas				
Meios de ensino usado pelos professores				
Envolvimento dos alunos autista nas atividades pedagógicas				

Considerações finais:

Data da aplicação

Icolo e Bengo aos ----- de ----- de 2024

ANEXOS